

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • OUTUBRO DE 2005

A Liahona



MATÉRIA DA CAPA:
Paternidade — o
Maior Desafio do
Mundo, p. 2

Como Responder
a: Os Mórmons
São Cristãos? p. 36

A Escolha de um
Herói, p. A14

A Liahona



NA CAPA
Fotografia de Christina
Smith, posada por modelos.



CAPA DE O AMIGO
Ilustrado por Taia Morley.



VER "MEU ÍDOLO",
PÁGINA A14

PARA OS ADULTOS

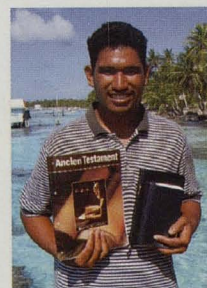
- 2 Mensagem da Primeira Presidência: Mil Laços de Amor
Presidente James E. Faust
- 8 Fortalecendo a Família: Como Parceiros Iguais
- 10 Prestar Testemunho *Élder Jay E. Jensen*
- 14 Pérolas Polinésias *Richard M. Romney*
- 25 Mensagem das Professoras Visitantes: Regozijar-se no
Conhecimento da Família Eterna
- 26 As Chaves do Sacerdócio *Élder Russell M. Nelson*
- 34 Mensagens de Doutrina e Convênios: Quão Grande Será Vossa
Alegria *Élder Rodrigo Myrrha*
- 44 Vozes da Igreja
 - O Coração Cheio de Compaixão *Juan Aldo Leone*
 - Cervos na Estrada *Arlene Housman*
 - Sem Condições de Pagar o Dízimo? *Ana Cristina Merino Rivas*
 - "Proibido para Mórmons" *Nome Omitido*
- 48 Comentários

PARA OS JOVENS

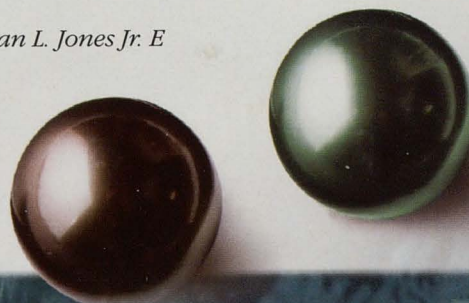
- 22 Perguntas e Respostas: "Como posso ajudar a incentivar minha
família a realizar a noite familiar, a oração familiar e o estudo das
escrituras em família?"
- 31 Perseverar após a Conversão *Vaclava Svobodova*
- 36 Você É Mórmon? *Ana Lee Graniela López*
- 40 Mergulhar no Seminário *Adam C. Olson*

O AMIGO: PARA AS CRIANÇAS

- A2 Vinde ao Profeta Escutar: Perdoe
Presidente Gordon B. Hinckley
- A4 Tempo de Compartilhar: Escolherei Sempre o Que É Certo
Margaret Liffert
- A6 Da Vida do Presidente David O. McKay:
Uma Oração por Lou Jean
- A8 De um Amigo para Outro: O Evangelho Nos Faz Felizes
Élder Jean A. Tefan
- A10 Música: A Verdade Restaurada *Alan L. Jones Jr. E*
Ludwig van Beethoven
- A11 Boas Escolhas *Julie Wardell*
- A12 Meus Padrões do Evangelho –
Marcador de Livros
- A14 Meu Ídolo *Kimberly Webb*



VER "MERGULHAR
NO SEMINÁRIO",
PÁGINA 40



Outubro de 2005 Vol. 58 Nº. 10
A LIAHONA 25990 059

Publicação oficial em português d'A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley,
Thomas S. Monson, James E. Faust.

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry,
Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard,
Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales,
Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring, Dieter F. Uchtdorf,
David A. Bednar

Editor: Jay E. Jensen

Consultores: Monte J. Brough, Gary J. Coleman,
Yoshihiko Kikuchi

Diretor Gerente: David L. Frischknecht

Diretor Editorial e de Planejamento: Victor D. Cave
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Diretor Editorial das Publicações: Richard M. Romney
Gerente Editorial: Marvin K. Gardner

Equipe Editorial: Collette Nebeker Aune, Susan Barrett,
Shanna Butler, Ryan Carr, Linda Stahle Cooper, LaRene
Porter Gaunt, Jennifer L. Greenwood, R. Val Johnson,
Carrie Kasten, Melvin Leavitt, Sally J. Odekirk, Adam C.
Olson, Judith M. Paller, Vivian Paulsen, Don L. Searle,
Rebecca M. Taylor, Roger Terry, Janet Thomas, Paul
VanDenBerghe, Julie Wardell, Kimberly Webb

Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott Van Kampen

Gerente de Produção: Jane Ann Peters

Equipe de Diagramação e Produção: Howard G.
Brown, Thomas S. Child, Reginald J. Christensen, Kathleen
Howard, Denise Kirby, Tadd R. Peterson, Randall J. Pixon,
Kari A. Todd, Claudia E. Warner

Gerente Comercial: Larry Hillier

Diretor de Impressão: Craig K. Sedgwick

Diretor de Distribuição: Kris T. Christensen

A Liahona:

Diretor Responsável: Wilson R. Gomes

Produção Gráfica: Eleonora Bahia

Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)

Tradução: Edson Lopes

Assinaturas: Cezare Malaspina Jr.

© 2005 Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos
reservados. Impresso nos Estados Unidos da América.

O texto e o material visual encontrado n' *A Liahona*
podem ser copiados para uso eventual, na igreja ou no
lar, não para uso comercial. O material visual não pode ser
copiado se houver qualquer restrição indicada nos créditos
constantes da obra. As dúvidas sobre direitos autorais
devem ser encaminhadas para Intellectual Property Office,
50 East North Temple Street, Salt Lake City, UT 84150, USA;
e-mail: cor-intellectualproperty@ldschurch.org.

A Liahona pode ser encontrada na Internet em vários
idiomas, no site www.lds.org. Para vê-lo em inglês,
clique em "Gospel Library". Para vê-lo em outro idioma
clique no mapa-múndi.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob
nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

ASSINATURAS: A assinatura deverá ser feita pelo telefone
0800-130331 (ligação gratuita); informações sobre
assinaturas solicite ao Centro de Distribuição da Igreja,
Caixa Postal 26023, CEP 05599-970 - São Paulo - SP, ou
pelo e-mail: distribicao@ldschurch.org

Preço da assinatura anual para o Brasil: R\$ 18,00. Preço
do exemplar em nossa agência: R\$ 1,80. Para Portugal -
Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro,
10 - Miratejo, 2855-238 Corroios. Assinatura Anual:
10 Euros; Para o exterior: Exemplar avulso: US\$ 3,00;
Assinatura: US\$ 30,00. As mudanças de endereço devem
ser comunicadas indicando-se o endereço antigo e o
novo.

Envie manuscritos e perguntas para: *A Liahona*,
Room 2420, 50 East North Temple Street, Salt Lake City,
UT 84150-3220, USA; ou mande e-mail para:
cur-liahona-imag@ldschurch.org

For readers in the United States and Canada:
October 2005 Vol. 58 Nº 10. *A LIAHONA* (USPS 311-480)
(ISSN 1044-3347) is published monthly by The Church of
Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple,
Salt Lake City, UT 84150. USA subscription price is
\$10.00 per year; Canada, \$16.00. Periodicals Postage
Paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing
offices. Sixty days' notice required for change of address.
Include address label from a recent issue; old and new
address must be included. Send USA and Canadian
subscriptions to Salt Lake Distribution Center, at address
below. Subscription help line: 1-800-537-5971. Credit
card orders (Visa, MasterCard, and American Express)
may be taken by telephone.

POSTMASTER: Send address changes to Salt Lake
Distribution Center, Church Magazines, PO Box 26368,
Salt Lake City, UT 84126-0368.

COMO UTILIZAR A LIAHONA

Idéias para a Noite Familiar



Esta página pode ajudá-lo a usar A Liahona para reforçar seu ensino em casa e na sala de aula.

"As Chaves do Sacerdócio", página 26. Prepare uma *licença* que autorize um privilégio especial para um membro da família. Apresente-o e discuta a importância de termos 'licença' para fazer determinadas coisas. Leia a respeito do privilégio e das responsabilidades que a licença médica do Élder Russell M. Nelson deu a ele. Peça a cada membro da família que use uma seção do artigo para ensinar a respeito das chaves do sacerdócio. Fale sobre como sua vida é abençoada por aqueles que são portadores das chaves do sacerdócio.

"Quão Grande Será Vossa Alegria", página 34. Estudem juntos D&C 18:13-16. Incentive os membros da família a compartilhar seus sentimentos sobre esses versículos. Leia em voz alta a história do Élder Rodrigo Myrrha. Preste testemunho dos três princípios contidos na lista que se encontra no final desse artigo.

"Você É Mórmon?", página 36. Leia os primeiros seis parágrafos dessa história e pergunte aos membros da família o que cada um faria em uma situação semelhante. Pergunte-lhes como acham que a história irá terminar. Coloque em discussão como devemos responder a respeito da Igreja. Pratique representando a situação descrita nesse artigo.

"Perdoe", página A2: Conte a história do camponês e coloque em discussão as razões pelas quais ele

morreu tão infeliz. Leia em voz alta o último parágrafo e preste testemunho a respeito da paz que o perdão proporciona.

Dê a cada membro da família um pedaço de cordão, para que se lembre de perdoar.
"Meu Ídolo", página A14. Peça aos membros da família que falem o nome de alguém a quem admirem, e que digam por que admiram essa pessoa. Como a garota dessa história percebeu que o cantor não poderia ser seu ídolo? Coloque em discussão quem deve ser nosso ídolo. Leia uma escritura que pode nos ajudar a decidir sobre quem devemos admirar. (Ver, por exemplo, 3 Néfi 27:27; Morôni 7:16-17.)

TÓPICOS DESTA EDIÇÃO

A = O Amigo	Obra missionária, 34, 36,
Amizade, 44	A8
Amor, 2	Oração, 22, A6
Arbitrio, A4	Padrões, A12, A14
Ativação, 34	Palavra de Sabedoria, A8,
Compaixão, 44	A11
Conversão, 31, 34	Paternidade, 2, 8
Dizimo, 44	Perdão, A2
Ensino, 1, 2, 10	Plano de Salvação, A4
Estudo das escrituras, 22	Polinésia, 14, 40, A8
Exemplo, 36, 44, A8, A14	Preparação, 26
Família, 2, 8, 22, 25	Primária, A4
Felicidade, A8	Professoras visitantes, 25
Filhos, 2, 8	Proteção, 44
História da Igreja, 14	Restauração, A10
História familiar, 25	Sacerdócio, 26
Jesus Cristo, 44, A4	Seminário, 40
Liderança, 26	Smith, Joseph, 25, A10
Mestre familiar, 7, 34	Templos e ordenanças do
Mídia, A14	templo, 14, 25
Noite familiar, 1, 22	Testemunho, 10, 31



Mil Laços de Amor

PRESIDENTE JAMES E. FAUST

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

A paternidade é o maior desafio do mundo. Na verdade cada pai tem uma opinião diferente sobre o assunto, mas são poucos os que afirmam ter todas as respostas; e eu certamente não sou um deles.

Acho que atualmente há mais rapazes e moças notáveis entre o nosso povo do que em qualquer outra época da minha vida. Por isso, é de se presumir que muitos desses jovens excelentes tenham uma boa família e pais dedicados e responsáveis. Mesmo assim, até os pais mais conscienciosos sentem que talvez tenham cometido alguns erros. Lembro-me que uma vez agi com falta de consideração e minha mãe exclamou: “Onde foi que eu errei?”

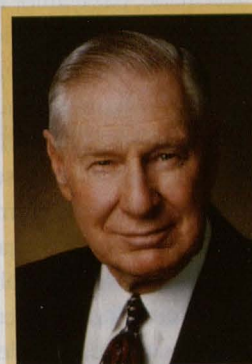
O Senhor ordenou: “[Criem] vossos filhos em luz e verdade”.¹ Para mim, não há realização humana mais importante. Ser pai ou mãe não é somente um grande desafio, um chamado divino; é uma realização que exige consagração. O Presidente David O. McKay (1873–1970) declarou que ser pai é “a mais séria responsabilidade dada ao ser humano”.²

Um Grande Desafio

Embora poucos desafios humanos sejam maiores do que o de ser bons pais, poucas

oportunidades oferecem maior potencial de alegria. Certamente não há trabalho mais importante a ser feito neste mundo do que preparar nossos filhos para serem tementes a Deus, felizes, honrados e produtivos. Os pais não encontrarão maior felicidade e realização do que a de serem honrados por seus filhos e vê-los seguir seus ensinamentos. Essa é a glória da paternidade. João testificou: “Não tenho maior gozo do que este, o de ouvir que os meus filhos andam na verdade”.³

Em minha opinião, ensinar, educar e treinar os filhos exige mais inteligência, compreensão intuitiva, humildade, força, sabedoria, espiritualidade, perseverança e trabalho árduo do que qualquer outro desafio na vida. Isso é ainda mais verdadeiro quando os fundamentos morais da honra e decência estão se corrompendo ao nosso redor. Para termos lares bem-sucedidos, os valores precisam ser ensinados, é preciso haver regras e padrões, e é preciso haver crenças e valores absolutos incontestáveis. Muitas comunidades dão aos pais pouco apoio no que se refere a ensinar e honrar os valores morais. Muitas culturas estão ficando essencialmente desprovidas de valores e muitos jovens nessas sociedades estão se tornando moralmente cínicos.



Certamente não há trabalho mais importante a ser feito neste mundo do que preparar nossos filhos para serem tementes a Deus, felizes, honrados e produtivos.

A Maior Esperança

Como sociedades inteiras entraram em decadência e perderam sua identidade moral, e muitos lares se desmoronaram, a maior esperança é dar mais atenção e dedicarmos mais ao ensino da nova geração: nossos filhos. Para conseguir isso, primeiro precisamos fortalecer os principais professores de nossos filhos. Entre esses, estão os pais e outros membros da família. O melhor ambiente para isso deveria ser o próprio lar. De uma maneira ou de outra, devemos-nos esforçar mais para tornar nosso lar mais forte, a fim de que seja um santuário contra a doentia podridão moral que se alastra à nossa volta. A harmonia, felicidade, paz e amor no lar podem proporcionar aos filhos a força interior de que necessitam para vencer os desafios da vida. Barbara Bush (mulher de George Bush, ex-presidente dos Estados Unidos) disse aos formandos da Wellesley College:

“Não importa qual seja a era ou a época, uma coisa nunca mudará: Pais e mães, se vocês têm filhos, eles têm de vir em primeiro lugar. Vocês têm que ler para seus filhos, vocês têm que abraçar seus filhos, vocês têm que amar seus filhos. O sucesso de sua família, o sucesso de nossa sociedade não depende do que acontece na Casa Branca, mas do que acontece na sua casa.”⁴

Para ser bom pai ou boa mãe é necessário que ambos os pais dêem prioridade às necessidades de seus filhos e não às suas. Como consequência desse sacrifício, os pais conscienciosos desenvolvem a nobreza de caráter e aprendem a praticar as verdades abnegadas que o próprio Salvador ensinou.

Tenho o maior respeito pelos pais que estão sós, que se esforçam e se sacrificam e lutam contra dificuldades quase sobre-humanas para manter a família unida. Eles deveriam ser honrados e receber ajuda em seu esforço heróico. Todas as tarefas do pai ou da mãe ficam muito mais fáceis quando os dois trabalham juntos no lar. É comum que os filhos desafiem e testem a força e a sabedoria dos pais.

Há anos, o bispo Stanley Smoot teve uma entrevista com o Presidente Spencer W. Kimball, que lhe perguntou: “Com que frequência você faz a oração familiar?”

O bispo Smoot respondeu: “Tentamos fazê-la duas vezes por dia, mas a média é de uma vez”.

O Presidente Kimball replicou: “No passado, orar com a família uma vez por dia era razoável, mas no futuro não será suficiente se quisermos salvar nossa família”.

Ficarei surpreso se, no futuro, realizar a noite familiar de vez em quando ou com pouca frequência seja suficiente para dar a nossos filhos a força moral necessária. No futuro, o estudo esporádico das escrituras em família não será suficiente para dar aos nossos filhos a força necessária para enfrentar a decadência moral do ambiente em que eles viverão. Em que lugar do mundo os filhos aprenderão a castidade, integridade, honestidade e decência humana básica senão no lar? Esses valores, é claro, serão reforçados na Igreja, mas os pais ensinam com mais constância.

Não é certo que os pais, ao tentarem ensinar os filhos a evitar os perigos, digam: “Temos mais sabedoria experiência com as coisas do mundo e podemos chegar mais perto da beira do abismo do que vocês”. A hipocrisia dos pais pode fazer com que os filhos se tornem cínicos e não acreditem no que lhes é ensinado em casa. Por exemplo, quando os pais assistem a filmes que proibiram os filhos de ver, sua credibilidade diminui. Se esperam que os filhos sejam honestos, os pais têm de ser honestos; se esperam que os filhos sejam virtuosos, os pais têm de ser virtuosos. Se esperam que os filhos sejam honrados, vocês têm de ser honrados.

Entre os outros valores que devem ser ensinados aos filhos estão o respeito aos outros, a começar pelo respeito aos pais e à própria família; o respeito aos símbolos da fé e ao patriotismo alheio; o respeito à lei e à ordem; o respeito à propriedade alheia e o respeito à autoridade. Paulo adverte que os filhos “aprendam primeiro a exercer piedade para com a sua própria família”.⁵

A Disciplina Adequada

Uma das maiores dificuldades dos pais é saber disciplinar os filhos. A criação dos filhos varia muito de uma pessoa para outra. Todo filho é único e diferente. O que funciona com um filho pode não dar certo com outro. Não conheço ninguém com sabedoria suficiente para dizer que disciplina é rigorosa de mais e que disciplina é branda de mais, exceto os próprios pais, que são quem mais amam os filhos. É uma questão de discernimento e oração para os pais. Certamente o princípio fundamental que permeia a

questão é que a disciplina dos filhos deve ser movida mais pelo amor do que pelo castigo. Brigham Young (1801–1877) aconselhou: “Se em determinado momento vocês forem chamados para castigar uma pessoa, jamais o façam a ponto de exceder a eficácia do bálsamo que possuem no próprio âmago, capaz de curar os ferimentos”.⁶ A orientação e a disciplina certamente são parte indispensável da educação dos filhos. Se os pais não disciplinarem os filhos, o poder público o fará, e de um modo que não agradará os pais. Sem disciplina, os filhos não respeitarão as regras do lar nem as da sociedade.

Um dos principais objetivos da disciplina é ensinar a obediência. O Presidente David O. McKay disse: “Quando os pais deixam de ensinar os filhos a serem obedientes, e a família não promove a obediência, a sociedade a exige e consegue. Portanto é melhor educar os filhos no lar e ensinar-lhes a obediência com bondade e compreensão do que ser insensível e deixar que sejam disciplinados pelos meios brutais e frios que a sociedade imporá, se essa obrigação não for cumprida no lar”.⁷

A Responsabilidade de Ensinar

Uma parte essencial de ensinar os filhos a serem disciplinados e responsáveis é ensiná-los a trabalhar. Quando crescemos, muitos de nós somos como o homem que disse: “Gosto do trabalho... ele me fascina. Posso sentar-me e ficar olhando para ele horas a fio”.⁸ Mais uma vez são os pais os melhores professores do princípio do trabalho. Para mim, foi uma grande alegria começar a trabalhar ao lado de meu pai, meu avô, tios e irmãos. Tenho certeza de que na maioria das vezes fui mais um estorvo do que uma ajuda, mas as lembranças são agradáveis, e valiosas as lições que aprendi. Os filhos precisam aprender a ser responsáveis e independentes. Será que os



pais mostram, demonstram e explicam as coisas aos filhos para que eles possam fazer o que Leí ensinou, ou seja “agirem por si mesmos e não receberem a ação”?⁹

Luther Burbank, um dos maiores horticultores do mundo, disse: “Se não déssemos mais atenção às nossas plantas do que aos nossos filhos, estaríamos agora vivendo num verdadeiro matagal”.¹⁰

Os filhos também desfrutam do arbítrio moral graças ao qual todos temos a oportunidade de progredir, crescer e desenvolver-nos. Esse arbítrio também permite que os filhos façam a escolha alternativa que é o egoísmo, o desperdício, a complacência consigo mesmos e a autodestruição. Os filhos muitas vezes já exercem esse arbítrio quando ainda bem pequenos.

Que os pais conscientes, carinhosos e dedicados, que vivem os princípios da retidão o melhor possível tenham o consolo de saber que são bons pais, apesar dos atos de alguns de seus filhos. Os filhos, por sua vez, têm a responsabilidade de ouvir, obedecer e aprender o que lhes é ensinado. Os pais não

Uma parte essencial de ensinar os filhos a serem disciplinados e responsáveis é ensiná-los a trabalhar. Os melhores professores do princípio do trabalho são os próprios pais.



As escrituras nos dizem que os pais devem ensinar aos filhos a “fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e [o] batismo e [o] dom do Espírito Santo” bem como “a doutrina do arrependimento”. Essas verdades devem ser ensinadas em casa.

podem sempre responder pela má conduta dos filhos, porque não podem garantir que eles se comportem bem. Certos filhos poriam à prova até a sabedoria de Salomão e a paciência de Jó.

Muitas vezes, os pais abastados ou excessivamente tolerantes enfrentam uma dificuldade especial. De certo modo, alguns filhos nessas circunstâncias chantageiam os pais, negando o apoio às regras paternas estabelecidas a menos que os pais façam o que eles querem. O Élder Neal A. Maxwell (1926–2004), do Quórum dos Doze Apóstolos, disse: “Quem faz demais pelos filhos logo percebe que nada pode fazer com *eles*. Alguns pais fazem tanto pelos filhos que quase os põem a perder”.¹¹ Parece que é da natureza humana não dar o devido valor às coisas materiais que não conseguimos por esforço próprio.

É um tanto irônico que certos pais tenham tanto desejo de que os filhos sejam aceitos pelos colegas e se tornem populares entre eles e, ao mesmo tempo, temam que os filhos façam as mesmas coisas que os colegas fazem.

De modo geral, os filhos que decidem abster-se de drogas, álcool e sexo ilícito adotaram e assimilaram os verdadeiros valores do lar como vividos por seus pais. Nos momentos em que tiverem de tomar decisões difíceis é mais provável que eles sigam os ensinamentos dos pais em vez do exemplo dos colegas ou os sofismas da mídia que enaltecem o consumo de bebidas alcoólicas, o sexo ilícito, a infidelidade, a desonestidade e outros vícios. Esses jovens fortes são como os dois mil jovens de Helamã, que “tinham sido ensinados por suas mães que, se não duvidassem, Deus os livraria” da morte¹² e que repetiram “as palavras de suas mães, dizendo: Não duvidamos de que nossas mães o soubessem”.¹³

A Crença Firme na Deidade

Parece que o que consolida os ensinamentos e valores dos pais na vida dos filhos é a crença firme na Deidade. Quando essa crença fizer verdadeiramente parte de sua alma, eles terão força interior. Sendo assim, de tudo o que é importante ensinar, o que os pais

devem ensinar? As escrituras nos dizem que os pais devem ensinar aos filhos a “fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e [o] batismo e [o] dom do Espírito Santo” bem como “a doutrina do arrependimento”.¹⁴ Essas verdades devem ser ensinadas em casa. Elas não podem ser ensinadas na escola nem serão patrocinadas pelo governo ou pela sociedade. É claro que os programas da Igreja podem ajudar, mas o melhor lugar para ensinar essas coisas com bons resultados é em casa.

Os momentos em que os pais ensinam os filhos não precisam ser solenes, dramáticos nem intensos. Aprendemos isso com o Mestre dos Mestres. Ao falar do Salvador, certo escritor disse:

“A beleza perfeita da vida de Cristo não é mais do que o resultado da soma da beleza de pequenos atos imperceptíveis de beleza: falar com a samaritana; (...) mostrar ao jovem príncipe a ambição secreta que tinha no coração e que o impedia de entrar no reino do Céu; (...) ensinar um pequeno grupo de seguidores a orar; (...) acender o fogo e assar o peixe para os discípulos terem o que comer quando chegassem à praia com frio, cansados e desanimados depois de passarem a noite na pesca. Todas essas coisas, como vemos, revelam-nos com tanta facilidade a verdadeira natureza e caráter dos interesses [de Cristo], tão absolutamente específicos, tão voltados para as coisas pequenas, tão absortos nas menores coisas.”¹⁵

É isso que significa ser pais. As pequeninas coisas se tornam grandes quando reunidas na tapeçaria da família por milhares de laços de amor, fé, disciplina, sacrifício, paciência e trabalho.

Há grandes promessas espirituais que podem se cumprir para abençoar os pais, essas são as mesmas promessas divinas feitas a seus valentes antepassados que cumpriram nobremente seus convênios. Deus Se lembrará dos convênios de que os pais se lembrarem. Os filhos poderão assim passar a ser os beneficiários e herdeiros desses convênios e promessas grandiosos; isso por serem filhos do convênio.¹⁶

Que Deus abençoe os pais honrados deste mundo que lutam e se sacrificam. Que Ele honre principalmente os convênios que os pais fiéis de nosso povo cumprem e guarde os filhos do convênio. ■

NOTAS

1. D&C 93:40.
2. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: David O. McKay* (2003), p. 169.
3. III João 1:4.
4. “Text of Mrs. Bush’s Speech”, *Washington Post*, 2 de junho de 1990, sec. C, p. 4.
5. I Timóteo 5:4.
6. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Brigham Young* (1997), p. 219.
7. *The Responsibility of Parents to Their Children* (folheto, s. d.), p. 3.
8. Jerome Klapka Jerome, *The International Dictionary of Thoughts* (1969), 782.
9. 2 Néfi 2:26.
10. Em *Elbert Hubbard’s Scrap Book* (1923), p. 227.
11. “The Man of Christ,” *Ensign*, maio de 1975, p. 101.
12. Alma 56:47.
13. Alma 56:48.
14. D&C 68:25.
15. Charles Henry Parkhurst, *Leaves of Gold* (1938), p. 177.
16. Ver 3 Néfi 20:25–26; Orson F. Whitney, Conference Report, abril de 1929, pp. 110–111.

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Depois de preparar-se em espírito de oração, dê esta mensagem usando um método que incentive a participação daqueles a quem ensina. Seguem-se alguns exemplos:

1. Diga às pessoas da família que um santuário é um lugar em que temos proteção contra o perigo ou a aflição. Peça que cada pessoa faça um desenho de como acha que seria um santuário. Peça-lhes que expliquem o que desenharam e por que aquilo é um santuário. Leia em voz alta o primeiro parágrafo depois do subtítulo “A Maior Esperança”. Como nossa casa pode ser um santuário?

2. Leia em voz alta a primeira frase da mensagem. Depois, mencione as coisas que, de acordo com o Presidente Faust, são alguns dos desafios da paternidade. Peça aos membros da família que falem de como acham que os pais poderiam enfrentar essas dificuldades. Que conselho do presidente Faust a família poderia pôr em prática nos próximos meses?

3. Leiam juntos as seções “A Responsabilidade de Ensinar” e “A Crença Firme na Deidade” e façam uma lista do que o Presidente Faust disse que os filhos precisam aprender. Escolha um ou dois desses tópicos para discutir. Sugere-se que você inclua algumas escrituras. Preste testemunho das bênçãos de ensinar e aprender o evangelho em casa.



FORTALECENDO A FAMÍLIA

COMO PARCEIROS IGUAIS

Continuação de uma série que traz reflexões para o estudo e uso de "A Família: Proclamação ao Mundo".

"Segundo o modelo divino, o pai deve presidir a família com amor e retidão, tendo a responsabilidade de atender às necessidades de seus familiares e de protegê-los. A responsabilidade primordial da mãe é cuidar dos filhos. Nessas atribuições sagradas, o pai e a mãe têm a obrigação de ajudar-se mutuamente, como parceiros iguais."¹

Presidir, Atender às Necessidades Materiais e Proteger

O pai deve presidir no lar, mas presidir não quer dizer reinar ou exercer injusto domínio sobre a esposa ou os filhos. O Salvador ensinou a Seus apóstolos que os governantes entre os gentios exerciam



autoridade sobre seus súditos. "Não será assim entre vós", advertiu Ele, "mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal; e, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo." (Ver Mateus 20:25–27.) Assim, presidir é amar, servir e sacrificar-se. O Apóstolo Paulo ensinou: "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela". (Efésios 5:25) O Presidente Ezra Taft Benson (1899–1994) ensinou: "Irmãos, digo-lhes com toda a seriedade que [Jesus Cristo] é o modelo que devemos seguir ao dirigir nossa família. Isso se aplica principalmente a sua relação com a esposa".²

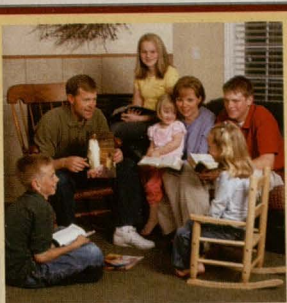
O Senhor disse que “todo homem que for obrigado a manter sua própria família, que a mantenha; e ele de modo algum perderá sua coroa”. (D&C 75:28) No mundo de hoje, conseguir manter a família depende em geral da disposição e oportunidade do pai para adquirir instrução suficiente. Contudo, estudar, conseguir um emprego adequado e suprir as necessidades vitais não significa passar um tempo excessivo trabalhando para alcançar um padrão de vida elevado. O Presidente Spencer W. Kimball (1895–1985) disse que alguns pais passam tempo demais trabalhando para ter luxos que vão muito além das necessidades vitais, a ponto de transformar os bens materiais em seus falsos deuses e terem pouco tempo para presidir a família com amor e retidão.³

A responsabilidade do pai de proteger a família em muito transcende o dever indiscutível de prover abrigo físico e segurança material. O Presidente Howard W. Hunter (1907–1995) ensinou: “O pai justo protege os filhos com seu tempo e presença nas atividades e responsabilidades sociais, educativas e espirituais deles”.⁴ O pai pode proteger seus filhos ensinando-os a fazer escolhas sábias no tocante a filmes, livros e aos amigos com quem passam seu tempo.

Criar os Filhos

Em 1942, a Primeira Presidência declarou: “A maternidade (...) é um chamado sagrado, uma dedicação santa para levar avante os planos do Senhor, uma devoção consagrada à criação dos filhos, ao desvelo para com eles, ao desenvolvimento do corpo, mente e espírito dos que guardaram seu primeiro estado. (...) O papel da mãe é ajudá-los a guardar seu segundo estado. (...) A maternidade é muito próxima da divindade. É o serviço mais nobre e sagrado que pode ser prestado pela humanidade. Coloca aquela que honra esse chamado e serviço santos perto dos anjos”.⁵

Uma das artimanhas mais eficazes de Satanás é rebaixar a função da esposa e mãe no lar. O Élder Richard G. Scott, do Quórum dos Doze Apóstolos, advertiu-nos: “Trata-se de um ataque contra os próprios alicerces do



O marido e a mulher devem dividir como parceiros iguais as responsabilidades de pais e ajudar-se mutuamente em espírito de sacrifício abnegado.

plano de Deus. (...) Não se deixem desviar do plano de nosso Deus para seguir os caminhos do mundo, onde a maternidade é menosprezada, a feminilidade é depreciada e o papel divinamente estabelecido de esposa e mãe é ridicularizado”.⁶

Os profetas ressaltaram a importância de a mãe dedicar-se em tempo integral à criação dos filhos. Contudo, para aquelas que precisam trabalhar para atender às necessidades da família, o Presidente Gordon B. Hinckley disse: “Façam o

melhor que puderem. Espero que, caso trabalhem em tempo integral, estejam fazendo-o para garantir o suprimento de suas necessidades básicas e não simplesmente para satisfazer ao desejo de uma casa sofisticada, automóveis caros e outros luxos”.⁷

Ajudar-se Mutuamente como Parceiros Iguais

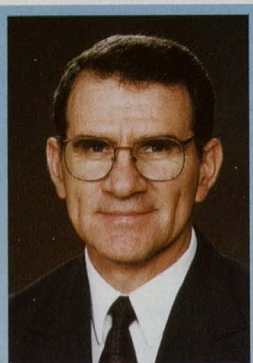
A responsabilidade primordial da mãe é cuidar dos filhos e a do pai é presidir, atender a suas necessidades materiais e protegê-los. No entanto, esses papéis não se excluem mutuamente. O marido e a mulher devem dividir como parceiros iguais as responsabilidades de pais e ajudar-se mutuamente em espírito de sacrifício abnegado.

O desígnio divino de dar à mãe e ao pai responsabilidades primárias diferentes na família reflete certas diferenças eternas entre o homem e a mulher. “A Família: Proclamação ao Mundo” ensina que “o sexo (masculino ou feminino) é uma característica essencial da identidade e do propósito pré-mortal, mortal e eterno de cada um”.⁸ Essas diferenças inatas e responsabilidades únicas permitem ao casal ligar-se em unidade, complementar as forças e dons de cada um e criar o relacionamento que torna possível a família eterna. ■

NOTAS

1. “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, outubro de 2004, p. 49.
2. “To the Fathers in Israel”, *Ensign*, novembro de 1987, p. 50.
3. Ver “The False Gods We Worship”, *Tambuli*, agosto de 1977, pp. 2–3.
4. “Being a Righteous Husband and Father”, *Ensign*, novembro de 1994, p. 51.
5. Conference Report, outubro de 1942, pp. 12–13.
6. “The Joy of Living the Great Plan of Happiness”, *Ensign*, novembro de 1996, pp. 74–75.
7. “Women of the Church”, *Ensign*, novembro de 1996, p. 69.
8. *A Liahona*, outubro de 2004, p. 49.

Prestar Testemunho



Testifico que há um poder divino que acompanha a declaração de um testemunho puro.

ÉLDER JAY E. JENSEN

Dos Setenta

Em minhas experiências em casa e na Igreja, aprecio cada vez mais o poder de prestar testemunho. Poucos relatos na história da Igreja exerceram um impacto mais profundo sobre mim do que as seguintes palavras do Presidente Brigham Young (1801–1877), que era influenciado por um testemunho puro:

“Se todo o talento, tato, sabedoria e refinamento da humanidade fossem reunidos numa única pessoa e ela fosse enviada a mim com o Livro de Mórmon e declarasse com a maior veemência do mundo sua veracidade, propondo-se a prová-lo com seu conhecimento e a erudição do mundo, isso para mim seria como a fumaça que se ergue rumo ao céu apenas para desaparecer logo em seguida. Porém, quando ouvi um homem pouco eloqüente e sem talento para falar em público, que apenas conseguia dizer: ‘Eu sei, pelo poder do Espírito Santo, que o Livro de Mórmon é verdadeiro e que Joseph Smith é um Profeta do Senhor’, o Espírito Santo que emanava daquele indivíduo iluminou minha compreensão, revelando-me luz, glória e imortalidade.”¹

Usando as escrituras e as palavras dos profetas, examinemos o que é um testemunho e como devemos prestá-lo.

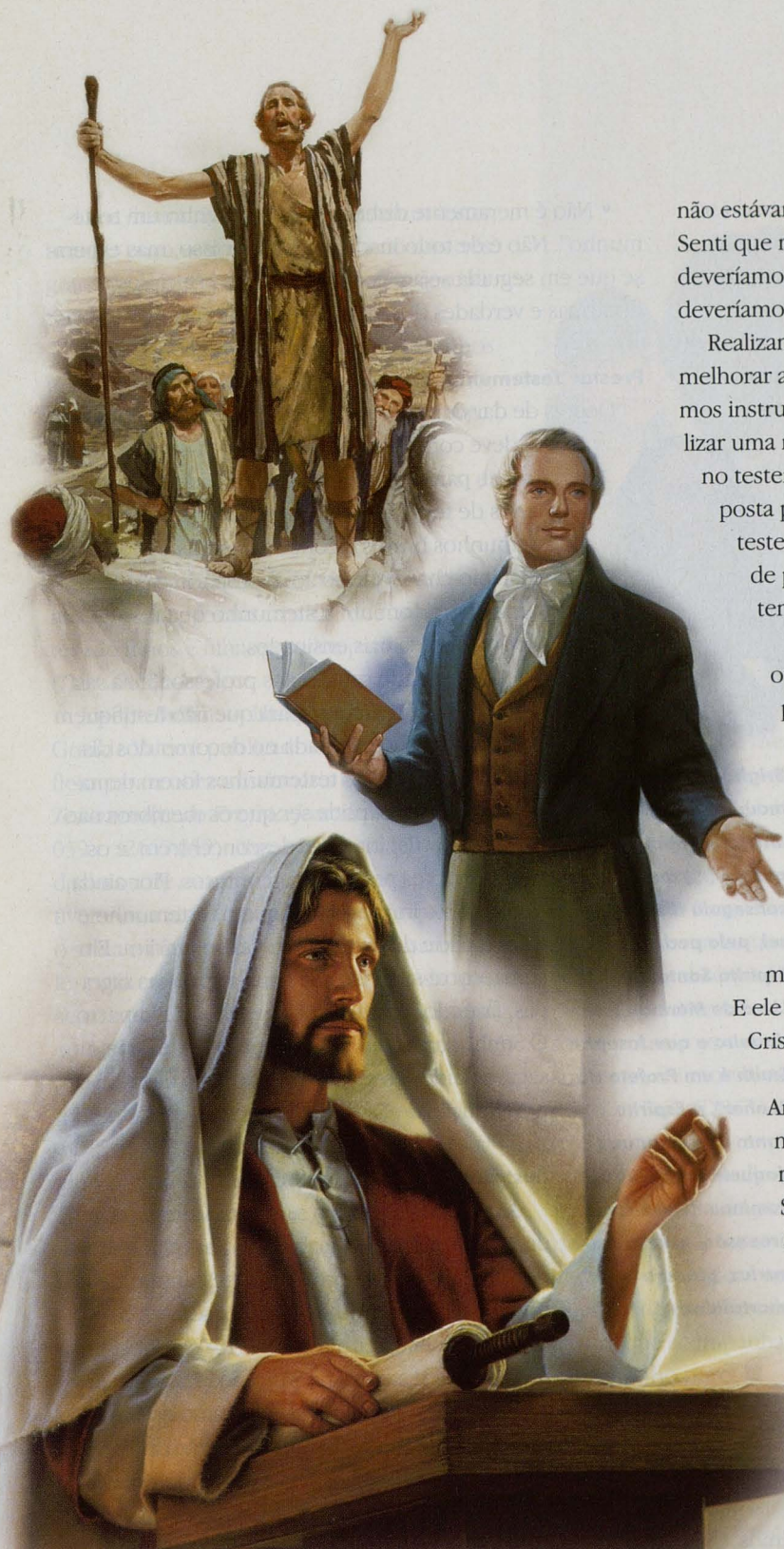
O Que É um Testemunho

Costuma-se definir *testemunho* como o conhecimento ou certeza de uma verdade que uma pessoa declara pelo poder de persuasão do Espírito Santo. O Apóstolo Paulo ensinou: “Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo”. (I Coríntios 12:3) Como as coisas de Deus são conhecidas apenas pelo poder do Espírito, precisam ser declaradas pelo Espírito e isso quer dizer prestando testemunho.

Como o testemunho é pessoal, ao testificar em geral começamos com o pronome *eu*. (Os pais, missionários e os líderes da Igreja às vezes podem usar o pronome *nós*.) O testemunho pode ser identificado pelo uso de verbos fortes como *saber*, *testificar*, *crer*, *garantir*, *declarar*, *afirmar*, *prestar testemunho*, *assegurar*. Usualmente, é uma declaração do que sabemos, sentimos, experimentamos ou cremos, como: “Escutamos! Contemplamos! Admiramos!” (Joseph Smith—História 1:71, observação) De modo geral, o testemunho é curto, preciso e conciso.

O Presidente Boyd K. Packer, Presidente Interino do Quórum dos Doze Apóstolos, fez a seguinte observação:

“Tive uma experiência no campo missionário que muito me ensinou sobre o testemunho. Apesar de tudo parecer sob controle,



não estávamos progredindo tanto quanto poderíamos. Senti que não era tanto por estarmos fazendo algo que não deveríamos, mas sim por deixarmos de fazer algo que deveríamos.

Realizamos uma série de conferências de zona para melhorar a espiritualidade na missão. Em vez de ministrarmos instruções sobre técnicas missionárias, decidimos realizar uma reunião de testemunho. Na última conferência, no testemunho de um dos humildes élderes, achei a resposta para o problema. Havia algo diferente no breve testemunho desse élder novo e inseguro. Ele ficou de pé por menos de um minuto, mas com seu testemunho aprendi o que estava nos faltando.

O testemunho que ouvíamos de todos os outros missionários eram algo do tipo: 'Sou grato por estar no campo missionário. Tenho aprendido muito. Tenho um companheiro excelente. Aprendo muito com ele. Sou grato por meus pais. Tivemos uma experiência interessante na semana passada. Estávamos batendo em portas e (...)'. Então, o missionário contava uma história. A conclusão era em geral algo do gênero: 'Sou grato por estar no campo missionário. Tenho um testemunho do evangelho'. E ele terminava com a frase: 'Em nome de Jesus Cristo. Amém'.

Aquele jovem élder agira de modo diferente. Ansioso e sem querer ficar de pé um segundo a mais do que o necessário, disse simplesmente, de modo apressado e assustado: 'Sei que Deus vive. Sei que Jesus é o Cristo. Sei que temos um profeta de Deus à frente da Igreja. Em nome de Jesus Cristo. Amém'.

Esse fora um testemunho. Não fora apenas uma experiência ou a expressão de gratidão, mas uma declaração, um testemunho!

A maioria dos élderes dissera: 'Tenho um testemunho', mas não o tinham declarado. Aquele jovem élder havia, em poucas palavras, prestado seu testemunho: algo direto, básico e, ao ser enunciado, incisivo.

Naquele momento, eu soube o que havia de errado na missão. Estávamos contando histórias, externando gratidão, admitindo que tínhamos um testemunho, mas não o estávamos prestando.”²

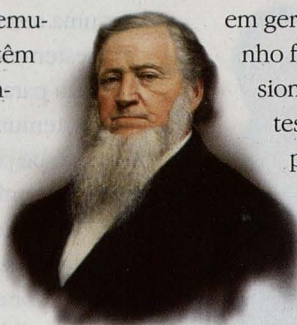
A Primeira Presidência tinha salientado a importância de sermos breves e concisos ao prestarmos testemunho:

“Ficamos preocupados ao observar que, em alguns casos, os membros que desejam prestar testemunho na reunião de jejum e testemunho não têm a oportunidade de fazê-lo. O bispado é incentivado a ajudar todas as pessoas a expressarem um testemunho curto e sincero do Salvador, de Seus ensinamentos e da Restauração, a fim de que mais membros tenham a oportunidade de participar”.³

O Que Não É um Testemunho

Às vezes aprendemos muito sobre um princípio ao identificarmos o que ele não é. Aprendi que um testemunho:

- Não é uma exortação. As pessoas que vão ao púlpito para exortar os membros da congregação na reunião de jejum e testemunho ou mesmo que tentam chamá-los ao arrependimento, ainda que com a melhor das intenções, estão exercendo autoridade que não lhes pertence e em geral ofendem os demais membros e perturbam o espírito da reunião.
- Não é uma experiência, embora experiências possam ilustrar uma crença e convicção.
- Não é uma expressão de gratidão ou amor, embora isso em geral possa ser inserido de modo adequado no testemunho prestado.
- Não é uma confissão em público.
- Não é um sermão ou discurso sobre um ponto doutrinário, embora alguém possa citar uma escritura e em seguida testificar sobre ela.
- Não é uma longa explicação sobre *como* sabemos, mas sim sobre o *que* sabemos.



Brigham Young afirmou: “Quando ouvi um homem pouco eloquente (...) que apenas conseguia dizer: ‘Eu sei, pelo poder do Espírito Santo, que o Livro de Mórmon é verdadeiro e que Joseph Smith é um Profeta do Senhor’, o Espírito Santo que emanava daquele indivíduo iluminou minha compreensão, revelando-me luz, glória e imortalidade”.

- Não é meramente dizer as palavras “Tenho um testemunho”. Não é de todo inadequado dizer isso, mas espera-se que em seguida sejam especificados os princípios, doutrinas e verdades dos quais a pessoa tem testemunho.

Prestar Testemunho em Aulas e Discursos

Depois de dar uma aula ou fazer um discurso, a pessoa em geral deve concluir a mensagem com um testemunho formal, para coroar tudo o que foi dito. Os missionários de tempo integral costumam inserir testemunhos breves e concisos depois de cada princípio-chave que estão abordando e depois concluem com um testemunho que resume os pontos principais ensinados.

Recomendo cautela aos professores na sala de aula ou no púlpito, para que não testifiquem com frequência exagerada no decorrer dos discursos e aulas. Se os testemunhos forem demasiado freqüentes, pode ser que os membros não ouçam pelo Espírito e se desconcentrem, e os pesquisadores podem ficar confusos. Pior ainda, podem ter a impressão de que o testemunho é uma espécie de expressão legal ou jurídica. Em suma, corre-se o risco de banalizar coisas sagradas, fazendo o testemunho perder seu impacto. O Senhor advertiu: “Aquilo que vem de cima é sagrado e deve ser mencionado com cuidado e por indução do Espírito”. (D&C 63:64)

Ilustrações de Testemunho

As escrituras contêm numerosas ilustrações de testemunho. Alma sabia que para transformar seu povo, precisava prestar um testemunho puro. (Ver Alma 4:19.) Ele disse a seu povo *como* ele sabia (ver Alma 5:45–46) e depois prestou um testemunho puro do *que* sabia:

“Digo-vos que sei por mim mesmo que tudo quanto vos disser, concernente às coisas que hão de vir, é verdadeiro; e digo-vos que sei que Jesus Cristo virá; sim, o Filho, o Unigênito do Pai, cheio de graça e misericórdia e verdade. E eis que é ele quem vem para tirar os pecados de todos os que crêem firmemente em seu nome.” (Alma 5:48)

Uma ilustração contundente de um testemunho puro vem do relato da visão dos três graus de glória recebida pelo Profeta Joseph Smith e Sidney Rigdon:

“E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: Que ele vive!

Porque o vimos, sim, à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai —

Que por ele e por meio dele e dele os mundos são e foram criados; e seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus.” (D&C 76:22–24)

Joseph Smith — História em Pérola de Grande Valor é publicado em forma de panfleto para a obra missionária com o título *O Testemunho do Profeta Joseph Smith* (36081 059 e 32667 059). Nesse relato, o Profeta declarou de modo simples e direto: “Eu tivera uma visão; eu sabia-o e sabia que Deus o sabia e não podia negá-la nem ousaria fazê-lo; pelo menos eu tinha consciência de que, se o fizesse, ofenderia a Deus e estaria sob condenação”. (Joseph Smith — História 1:25)

Sabemos que João Batista prestou um testemunho puro ao usar o verbo *testificar*:

“E eu, João, testifico que contemplei sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade, sim, o Espírito da verdade, que veio e habitou na carne e habitou entre nós. (...)”

E eu, João, testifico e eis que se abriram os céus e o Espírito Santo desceu sobre ele, na forma de uma pomba, e pousou nele; e do céu ouviu-se uma voz que dizia: Este é meu Filho amado.

E eu, João, testifico que ele recebeu a plenitude da glória do Pai.” (D&C 93:11, 15–16)

Em algumas escrituras, o Pai ou o Filho presta testemunho. Por exemplo, Néfi ouviu



o testemunho de Deus, o Pai, que declarou: “Sim, as palavras do meu Amado são verdadeiras e fiéis. Quem perseverar até o fim, esse será salvo”. (2 Néfi 31:15)

O Salvador testificou do Profeta Joseph Smith e da tradução do Livro de Mórmon: “E ele traduziu o livro, sim, aquela parte que lhe ordenei; e assim como vive vosso Senhor e vosso Deus, ele é verdadeiro”. (D&C 17:6)

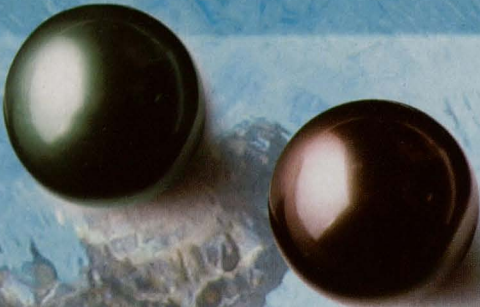
O Salvador testificou de Si mesmo: “Eu sou o primeiro e o último; sou o que vive, sou o que foi morto; eu sou vosso advogado junto ao Pai”. (D&C 110:4)

Sou imensamente grato pela força do testemunho puro. Avalio constantemente minha própria maneira de prestar testemunho, a fim de mantê-la em sintonia com os princípios corretos ensinados nas escrituras e pelos profetas modernos. Testifico que há um poder divino que acompanha a declaração de um testemunho puro. ■

NOTAS

1. *Deseret News*, 9 de fevereiro de 1854, p. 4; ver *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Brigham Young* (1997), p. 315.
2. *Teach Ye Diligently*, ed. rev. (1991), pp. 323–324.
3. Carta da Primeira Presidência, 2 de maio de 2002; ver também M. Russell Ballard, “Testemunho Puro”, *A Liahona*, novembro de 2004, pp. 40–43.

Os professores devem concluir as aulas com um testemunho formal, para coroar tudo o que foi dito.



Pérolas Polinésias

A fé dos santos dos últimos dias na Polinésia Francesa, como as pérolas que tornam essas ilhas famosas, cresce camada sobre camada, tornando-se mais reluzente e bela com o passar do tempo.

RICHARD M. ROMNEY
A Liahona

As pérolas são o produto da paciência. Elas crescem camada sobre camada, ganhando brilho com o passar do tempo. Na Polinésia Francesa, a fé no evangelho restaurado também tem aumentado dessa forma. Esse crescimento começou em 1844, quando chegaram os primeiros missionários e, geração após geração, tem trazido esperança e propósito. Atualmente, os santos dos últimos dias constituem 8 por cento da população — 20.000 membros em 79 congregações. São conhecidos como pessoas que se preocupam uns com os outros e com todos ao redor. Como no caso das pérolas, seu brilho é discreto. Contudo, ao refletirem a luz que vem de Cristo, resplandecem verdadeiramente. A seguir, teremos um vislumbre da vida de alguns desses santos.

Tubuai: Onde Tudo Começou

À beira da estrada num dos extremos da ilha de Tubuai, Ronny Harevaa e sua esposa, Sandrine, cuidam da terra em volta de um monumento de pedra dedicado à memória do Élder Addison Pratt, o primeiro missionário da Igreja a visitar essa ilha situada a 700 quilômetros ao sul do Taiti. Addison Pratt foi criado em New Hampshire, Estados Unidos, mas, aos 19 anos de idade, tornou-se marinheiro. Viajou ao que hoje se chama Havai e depois navegou pelo Pacífico, Atlântico, Caribe e Mediterrâneo antes de casar-se e fixar residência em Nova York. Em 1838, ele e a esposa filiaram-se à Igreja. Em 1841, uniram-se aos santos em Nauvoo, Illinois. Em maio de 1843, Addison Pratt foi chamado pelo Profeta Joseph Smith para ajudar a iniciar a obra missionária no Pacífico. Em 30 de abril de 1844, ele e dois outros élderes, Noah Rogers e Benjamin Grouard, chegaram a Tubuai.

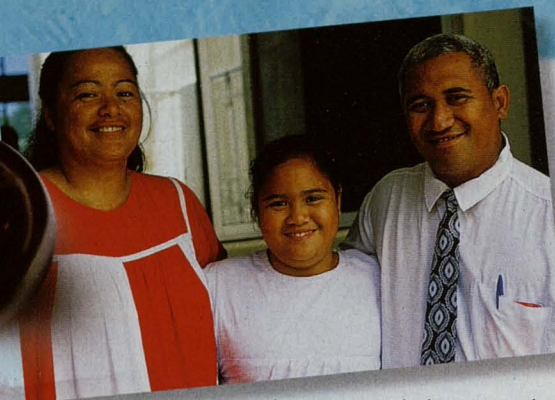
Os nativos desejavam muito ter um missionário em seu meio, e o Élder Pratt lá permaneceu. Começou a aprender taitiano e a pregar. O primeiro converso foi seu intérprete, outro americano. Seis ou sete marinheiros estacionados na ilha também foram batizados e confirmados. Então, em 22 de julho de 1844 — três anos antes da chegada dos pioneiros santos dos últimos dias a Utah — foram batizados os primeiros conversos polinésios. Em fevereiro de



Em toda a Polinésia Francesa, os santos dos últimos dias edificam sobre os alicerces de um legado iniciado em 1844. Acima: Tera Temahaga, de Takaroa, exibe objetos artesanais. Heiana Teriipaia, Garry Mou Tham e Fari Le Bronnec (acima) e a família Teihotaata (à esquerda) de Raiatea dizem que o evangelho os ajuda a permanecer fortes. Abaixo: Em Tubuai, Sandrine e Ronny Harevaa cuidam do monumento ao Élder Addison Pratt.

1845, 60 dos 200 habitantes de Tubuai tinham entrado para a Igreja. Com base nesse início e como fruto do trabalho do Élder Rogers e do Élder Grouard em outras ilhas, a Igreja espalhou-se por toda a região hoje conhecida como Polinésia Francesa.





originária de Tubuai que se mudara para as Ilhas Marquesas. “Maimiti falou-me

Hoje em Tubuai, Ronny Harevaa é o presidente do Distrito Tubuai Austrais, que conta com 593 membros em cinco ramos. Boa parte dos membros são parentes seus, e o Presidente Harevaa aprendeu muito com eles. “Há uma herança e história profundas aqui”, diz ele, “e um grande amor pela Igreja e a família.”

“A maioria das pessoas em Tubuai não possui muitos bens materiais, mas eles têm tudo de que precisam para ser felizes”, diz Lucien Hoffmann, presidente do Ramo Mahu. “Aqui as pessoas colhem frutas nas árvores, verduras no solo e podem pescar quando quiserem. E quando lhes pedimos que ajudem alguém doente ou em dificuldades, estão sempre dispostas.”

“Eu e minha esposa decidimos morar em Tubuai para estar perto de nossos pais”, diz o Presidente Harevaa. “É um lugar maravilhoso para estar juntos em família.” De fato, ele tem um irmão que mora na casa ao lado, outro irmão que mora um pouco mais adiante na mesma rua e seu pai serve como um de seus conselheiros. Há tantos membros da família Harevaa em Tubuai que muitos chamam o Presidente Harevaa de Presidente Ronny, para evitar confusões.

Em frente à capela de Mahu, uma das três de Tubuai, Sandrine mostra outro monumento em homenagem a Addison Pratt. “Acho que o Élder Pratt ficaria satisfeito ao saber que depois de mais de 160 anos, a Igreja ainda está forte aqui”, diz ela. E continua a crescer.

Um recém-converso é Johan Bonno, que nasceu nas Ilhas Marquesas, no extremo norte da Polinésia Francesa. Embora levasse uma vida desregrada, interessou-se pelo evangelho restaurado por causa de uma professora

da Igreja verdadeira”, explica ele. “Ensinou-me sobre o Livro de Mórmon. Pouco a pouco, abandonei as coisas ruins de minha vida. Ela convidou-me à Igreja e gradualmente entraram as coisas boas.”

Eles casaram-se e mudaram-se para Tubuai. “Meu sogro convidou-me para uma atividade missionária, e lá tive um sentimento forte e consolador”, explica Johan. “Fiquei imbuído do desejo de conhecer a verdade. Orei com sinceridade sobre Joseph Smith. Compreendi que o Senhor restaurou a Igreja por meio dele.” Johan logo foi batizado e confirmado.

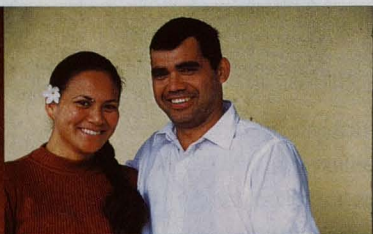
Hoje Johan e Maimiti estão preparando-se para ser selados no Templo de Papeete Taiti. “Ter a luz do templo em nossa vida será como trocar uma lâmpada de 15 watts pela fulgurante luz do sol”, compara ele. Para Johan, aprender sobre o evangelho restaurado exigiu a edificação de uma camada de fé. O mesmo para o casamento, a mudança para Tubuai e o batismo na Igreja. Agora, a ida ao templo será uma camada adicional a uma pérola que continua em fase de crescimento.

Raiatea: Um Refúgio

Quando Spencer Morôni Teuia, de 23 anos de idade, recebeu seu chamado missionário, não conseguia parar de sorrir. Depois de quatro anos de atrasos devido a tratamentos dentários pendentes, esse rapaz da ilha de Raiatea recebeu o chamado no dia de seu aniversário. Ele lembra-se de ler em voz alta trechos da carta: “ministro do evangelho restaurado”, “advogado e mensageiro eficaz da verdade”, “embaixador do Salvador” e pensar: “Nossa!

Com todas as minhas fraquezas, vou precisar confiar no Senhor”.

Contudo, trata-se de algo que ele já está habituado a fazer. Morôni foi criado na Igreja. É o terceiro de seis filhos a servir como missionário de tempo integral e lembra-se de “sonhar servir numa missão desde a infância”. Recorda que memorizou escrituras missionárias durante seus



No alto: A família Taumihau filiou-se à Igreja no Taiti. Acima, à direita: o joalheiro Johan Bonno (ao lado da esposa, Maimiti) entrou para a Igreja em Tubuai.

quatro anos de seminário e ouviu ex-missionários falar de sua missão. Contudo, lembra-se também das consultas com o dentista, dos tratamentos e dos anos que passou usando aparelho. “Em certos momentos, quase desisti”, conta ele. No entanto, com o incentivo da família e sua própria perseverança, manteve viva a esperança. Hoje, está servindo fielmente na Missão Taiti Papeete.

Para Morôni e outros jovens santos dos últimos dias como ele, a Igreja em Raiatea é um refúgio e uma força. Garry Mou Tham, de 16 anos, membro da Igreja de terceira geração da Ala Avera, explica. “Aqui”, diz ele, “somos diferentes do mundo exterior. Temos bons relacionamentos com os pais e amigos. Contamos com os ensinamentos dos profetas para lembrar-nos de ficar perto de nossa família, ler as escrituras juntos e realizar a noite familiar. Sabemos que a Igreja vai progredir e optamos por fazer parte da grandiosa obra do Senhor.”

Fari Le Bronnec, 14 anos, amigo de Garry, concorda. Ele fala de duas coisas que o protegem do mundo: o seminário e a oração. “O seminário é uma injeção de espiritualidade todas as manhãs”, diz ele. “E a oração pode

aumentar a espiritualidade sempre que oramos com fé.” O programa do seminário e do instituto é forte na Polinésia Francesa, com um total de 740 alunos do seminário e 524 do instituto no ano escolar 2004–2005.

Outra fonte de força é o exemplo que os membros dão para as pessoas interessadas no evangelho. Isso ajudou a levar Adrien e Greta Teihotaata e seus filhos para a Igreja. Embora durante muitos anos eles não tivessem religião, “decidimos mudar”, conta a irmã Teihotaata. “Pedimos ao Senhor que nos guiasse.” Apenas alguns dias depois, vizinhos convidaram-nos para uma atividade na Ala Uturoa. “Decidimos voltar no domingo”, lembra o irmão Teihotaata, “e na Igreja ficamos impressionados ao ver o envolvimento de todos: ensinando, assistindo a aulas, cuidando das crianças. Eles pareciam verdadeiramente amar uns aos outros.”



Acima: Iosua Brothers, hoje patriarca de estaca no Taiti, foi batizado e confirmado em Moorea em 1968. Como muitos outros, ele viu a Igreja tornar-se uma força para o bem em todas as ilhas. Abaixo: Em Takaroa, a nova geração inclui Ranitea e Vehina Teihoarii e Vaimiti Nyjland.





À direita: Num local conhecido por seu arte-sanato, o templo é reverenciado como a mais bela de todas as jóias. Página oposta, no alto: No Taiti, o patriarca Tiatia Teio e sua esposa, Imihaa, sentem a influência do templo. O mesmo se dá com os diáconos Jesse Pereitai e Jean-Philippe McGrevy. Abaixo: A bandeira da Polinésia Francesa hasteada sobre Raiatea e Spencer Morôni Teuiau.

Era o domingo de jejum, e quando “começou a reunião de testemunho, sentimos uma paz que nunca sentíamos antes: o Espírito Santo. Dissemos: ‘Precisamos disso’”, lembra a irmã Teihotaata. A família reuniu-se com os missionários e continuou a aprender. Embora o filho mais velho não tenha entrado para a Igreja, o irmão e a irmã Teihotaata e seus cinco outros filhos foram batizados e confirmados em 1998. Desde essa época, a obediência aos mandamentos, o estudo das escrituras e a frequência ao templo “fortaleceram-nos em nosso testemunho, bem como o exemplo contínuo dos membros que nos ensinaram e ajudaram”, diz a irmã Teihotaata.

Outro membro está na sede da estaca hoje, alguém que foi batizado em 1956. “A Igreja não estava indo muito bem em Raiatea naquela época”, conta Harriet Brodien Terootea. “Não havia muitos membros, e as reuniões aconteciam numa casinha que tinha uma sala para a capela e outra para os missionários. Mas pouco a pouco, a Igreja cresceu.” Como no caso de uma pérola.

Taiti: Centro de Força

Uma maneira de ver o quanto a Igreja progrediu na Polinésia Francesa é conversar com o conselho de assuntos públicos em Papeete, Taiti. Numa reunião recente, eles recordaram acontecimentos significativos:



- A Igreja na Polinésia Francesa comemorou seu 160º aniversário em outubro de 2004. Alguns dos eventos foram: (1) exposições públicas sobre a Igreja; (2) um espetáculo num estádio com danças, músicas, coros e apresentações de multimídia; (3) um dia de esportes com competições tradicionais como carregar bananas em varas de bambu; e (4) um serão com discursos da Igreja e líderes governamentais, bem como um coro de 500 vozes. Muitas atividades foram cobertas pelos jornais e transmitidas na televisão nacional.

- Autoridades da Igreja fizeram várias visitas de cortesia a líderes governamentais e atualmente vários santos dos últimos dias servem na assembléia nacional. O governo externou gratidão pelos benefícios trazidos pela Igreja, principalmente a ênfase nos valores familiares.

- Um coro SUD de 400 vozes apresentou-se para um público de 30.000 pessoas durante a visita do presidente francês Jacques Chirac à Polinésia Francesa em julho de 2003. O evento foi transmitido pela televisão não só na Polinésia Francesa, mas também na França.

O coro deixou muitos com lágrimas nos olhos ao entoar “Eu Sei que Vive meu Senhor” (*Hinos*, 70) e “Deus Vos Guarde”. (*Hinos*, 85)

• O Templo de Papeete Taiti comemorou seus 20 anos em outubro de 2003. Para marcar a data, os membros da Estaca Pae Taiti realizaram ordenanças de 7h da manhã às 21h, a fim de que todos os membros com investidura participassem pelo menos de uma ordenança.

“A Igreja chegou à maioridade aqui”, diz Marama Tarati, diretor nacional de assuntos públicos da Igreja. “Em toda a Polinésia Francesa, ela é reconhecida como uma força para o bem.” No Taiti, a Igreja tem belas capelas, congregações cheias de santos fiéis e — como a mais bela jóia — o templo, um ponto de referência na capital.

A luz do templo tocou a vida de muitos. “Antes de tornar-me membro da Igreja, eu não sabia como seria minha vida depois da morte”, explica Marguerite Teriinohopua. Sua família aprendeu sobre a Igreja porque outra família orou para encontrá-los. Ernest Montrose, hoje primeiro conselheiro na presidência da Estaca Faaa Taiti, era na época o bispo da Ala Heiri. Quando os missionários incentivaram os membros a orarem para achar pesquisadores, “decidi que nossa família deveria ser a primeira”. E eles receberam inspiração. O Bispo Montrose convidou um colega de trabalho, Danielson Teriinohopua, a trazer sua família para uma noite familiar com os missionários.

“Ao mesmo tempo, estávamos orando para ser guiados à verdade”, lembra-se Danielson, que hoje é membro do sumo conselho. “Ao fim daquela noite, dissemos a eles que queríamos saber mais — imediatamente.” O Bispo Montrose marcou outra reunião na noite seguinte e depois nas duas outras. Em questão de semanas, a família Teriinohopua foi batizada e confirmada e, um ano depois, selada no templo. “Hoje tenho resposta a minhas perguntas”, diz Marguerite. “No templo sinto grande paz e alegria.”

Chanterel Hauata, da Ala Heiri, também conhece a alegria de freqüentar o templo. Embora um tumor cerebral benigno o tenha deixado cego seis anos atrás, no templo ele vê as coisas com nitidez. “É um local de clareza”, explica ele. “No templo aprendemos



sobre a eternidade. Erguemo-nos acima desta vida mortal.”

A família de Pepe Mariteragi também sentiu as bênçãos do templo. Quando eles se reuniram na casa da família em Paea em outubro de 2003, falaram sobre Tepahu, a esposa de Pepe — sua mãe e

avó. “Ela faleceu há sete meses”, explicou Lucien, um de seus filhos, “mas nosso coração ainda está voltado para ela.”

“É graças ao evangelho que conseguimos lidar com essas provações”, disse Jean-Marie, outro filho. “As bênçãos do templo ajudaram-nos a compreender que podemos ser uma família eterna.”

O fato de o evangelho estender-se por várias gerações é outro indicador da maturidade e força da Igreja. O Bispo Morôni Alvarez, da Ala Tavararo, e sua esposa, Juanita, falam da herança que remonta a seu avô. Eles mostram com orgulho os diplomas de seminário e instituto de todos os seus seis filhos e fotografias de todos os seis enquanto serviam como missionários de tempo integral. Falam de filhos casados no templo e netos sendo criados na Igreja. “Conversávamos, estudávamos e orávamos juntos e prestávamos testemunho”, explica o Bispo Alvarez. “Agora eles estão fazendo o mesmo com seus próprios filhos.”

Ao conversar com Jared Peltzer, de 21 anos, da Ala Matatia, Estaca Paea Taiti, que está se preparando para partir para a missão nas Filipinas, encontramos também seu irmão Lorenzo, de 30 anos, que serviu na Polinésia Francesa há vários anos, e dois irmãos mais novos, Narii, de 18 anos, e Hyrum, de 14 anos, que pretendem servir no futuro como missionários de tempo integral. “Não tínhamos uma tradição missionária na





Tahia Brown, de Takaroa, trabalha numa das dezenas de fazendas de pérolas espalhadas pela ilha.

família até agora”, diz Jared. “Mas Lorenzo foi para a missão, e isso me deu vontade de fazer o mesmo, e agora estamos incentivando também nossos irmãos mais novos.” Camada sobre camada, a pérola continua a crescer.

Takaroa: Terra de Herança

Todos os moradores de Takaroa conhecem algo sobre as pérolas. Muitos dos que vivem na ilha tiram seu sustento dessa atividade. Alguns cultivam as ostras nas quais se desenvolvem as pérolas. Já outros limpam as conchas, passam cordas nas ostras, introduzem seixos que virão a tornar-se pérolas, penduram as ostras na água, colhem as pérolas ou confeccionam jóias e souvenirs.

“Usamos as coisas que o Pai Celestial nos concedeu e fazemos brilhar a beleza que há nelas”, explica Tahia Brown, que trabalha numa das dezenas de fazendas de pérolas espalhadas pela ilha. Ela e Marie Teihoarii, ambas ex-presidentes da Sociedade de Socorro do ramo, adoram mostrar os colares, decorações para mesa e outros objetos de artesanato confeccionados por santos dos últimos dias. “Aprendi a fazer isso com minha mãe”, explica a irmã Brown. “A maioria das irmãs aqui faz esse ou outros tipos de trabalho que exigem uma técnica apurada. Trabalhamos para sustentar-nos e fazer bom uso de nosso tempo, mas também para criar coisas belas.”

As pérolas e conchas não são as únicas coisas belas criadas aqui. Irmãs como Tera Temahaga tecem fios de plantas e fazem belos leques, chapéus e cestas, enquanto outras como Tipapa Mahotu usam tecidos e linha para costurar colchas e travesseiros de cores vivas. A tradição afirma que a confecção de colchas foi ensinada inicialmente pela esposa de Addison Pratt, Louisa, que foi para as ilhas em 1850.

Outra evidência da habilidade do povo de Takaroa é o edifício mais alto da ilha: uma bela capela da Igreja cuja construção começou em 1891. A capela é extraordinária pelo patrimônio histórico que representa. A situação política na Polinésia Francesa e nos Estados Unidos obrigou os missionários a retirarem-se das ilhas em 1852. Os missionários



só voltaram em 1892. Mas quando o fizeram, acharam uma congregação de 100 pessoas em Takaroa que tinha permanecido fiel. E esses santos dos últimos dias estavam construindo uma grande capela onde poderiam reunir-se. Dentro de um

mês, os missionários batizaram e confirmaram 33 novos membros, e a congregação voltou a crescer.

“Hoje, a capela domina a paisagem na aldeia, assim como a Igreja ocupa um lugar central em nossa vida”, diz a irmã Mahotu, de 82 anos. Suas raízes SUD iniciam-se com seus bisavós. “A capela”, ressalta ela, “lembra-nos do legado deixado por nossos antepassados. É um lembrete para sermos fiéis como eles o foram.”

No Centro de História da Família situado num anexo da capela, a diretora Suzanne Pimati trabalha para honrar esses antepassados. Regularmente, organiza serões e passa muitas horas no telefone incentivando todos na ilha a participar. “Fico ansiosa para que todos encontrem seus antepassados”, diz ela. O espírito de Elias é forte em Takaroa. E com o auxílio do computador no trabalho, a irmã Pimati planeja o envio de muitos nomes ao templo.

“Em certa época, a população de Takaroa era 90 por cento SUD”, explica Thierry Teihoarii, presidente do Distrito Takaroa Tuamotu. Na década de 1950, a população estava em declínio, mas nos anos de 1960 a indústria das pérolas trouxe as pessoas de volta. Atualmente, há dois ramos em Takaroa, com um total de 380 membros, para uma população total de 1.000 pessoas na ilha. Há também quatro ramos com outros 450 membros em ilhas vizinhas.

“Nosso maior desafio nas ilhas ainda é a emigração”, explica o Presidente Teihoarii, “principalmente dos jovens”. Embora muitos dos jovens vão embora para estudar em internatos, para os que ficam o seminário e o instituto tornam-se a principal fonte de instrução. “O seminário ajuda-os a não esquecer o evangelho”, diz o Presidente Teihoarii.

A frequência ao templo também. “Todos os anos, organizamos caravanas para realizar as ordenanças do templo, e os jovens fazem batismos pelos mortos”, conta o Presidente Teihoarii. “Isso é um grande incentivo para os jovens. Não se trata apenas da vitória de economizar o bastante para a viagem. Eles sabem que se desejarem ir ao templo, precisam ser dignos, e isso os ajuda a ficar firmes.”

Embora seu chamado às vezes o obrigue a ausentar-se para visitar outras ilhas, o Presidente Teihoarii afirma que sua família é abençoada generosamente. “A primeira coisa que faço quando volto para casa é falar da fé e do testemunho dos membros com Marie e nossas duas filhas. São momentos edificantes para a família. Sentimos verdadeiramente que o Espírito está conosco.” Sua esposa concorda. “Há muito o que aprender na Igreja”, diz ela, “e também inúmeras bênçãos. Há um trabalho agradável a realizar e, ao fazê-lo, a Igreja prosperará.”

Anoitece na ilha de Takaroa. A escuridão torna-se mais densa em volta da capela

branca à medida que os santos se reúnem: os jovens no seminário, a irmã Pimati para fazer o trabalho de história da família, o Presidente Teihoarii em reunião com dois presidentes de ramo. É o crepúsculo, uma hora de luz suave, tal qual a luz emitida pelas pérolas locais. ■



À esquerda: No Taiti, Betty Tama prepara-se para batizar Eddy Tama.



A partir do alto, em sentido horário: a capela de Takaroa. Esta capela “domina a paisagem da aldeia”, diz Tipapa Mahotu. Pierre Tumarae, James L. Brown e Thierry



Teihoarii, líderes da Igreja, reúnem-se na capela. Suzanne Pimati é responsável pelo Centro de História da Família.

Perguntas & Respostas

“Como posso ajudar a incentivar minha família a realizar a noite familiar, a oração familiar e o estudo das escrituras em família?”

A LIAHONA

Você está fazendo a coisa certa ao querer incentivar a oração familiar, a noite familiar e o estudo das escrituras. Essas atividades fortalecem a fé, melhoram a comunicação, criam bons sentimentos na família e também podem ser divertidas.

Poucas coisas na vida familiar são mais importantes do que o estudo do evangelho e a oração em família, mas pode ser algo difícil de pôr em prática, mesmo que sua família inteira seja ativa na Igreja. A fim de incentivá-los, dê um bom exemplo. Faça as orações, o estudo das escrituras ou a noite familiar sozinho se necessário ou com um irmão ou irmã caso a família inteira não esteja envolvida. Seu exemplo ao cumprir esses mandamentos servirá de incentivo para os demais membros da família.

À medida que os membros da família se unirem a você na noite familiar, tente torná-la divertida para eles. Inicialmente, vocês podem fazer um jogo ou assistir a um filme da Igreja. Prepare pratos e atividades que eles apreciem. Nas lições, mostre-lhes como o evangelho pode aplicar-se em sua vida. Posteriormente,

Dê um bom exemplo fazendo suas próprias orações e o estudo pessoal das escrituras.

Incentive os membros de sua família a participar e torne a noite familiar agradável para eles.

Ajude sua família a sentir o Espírito sendo reverente e cheio de amor.

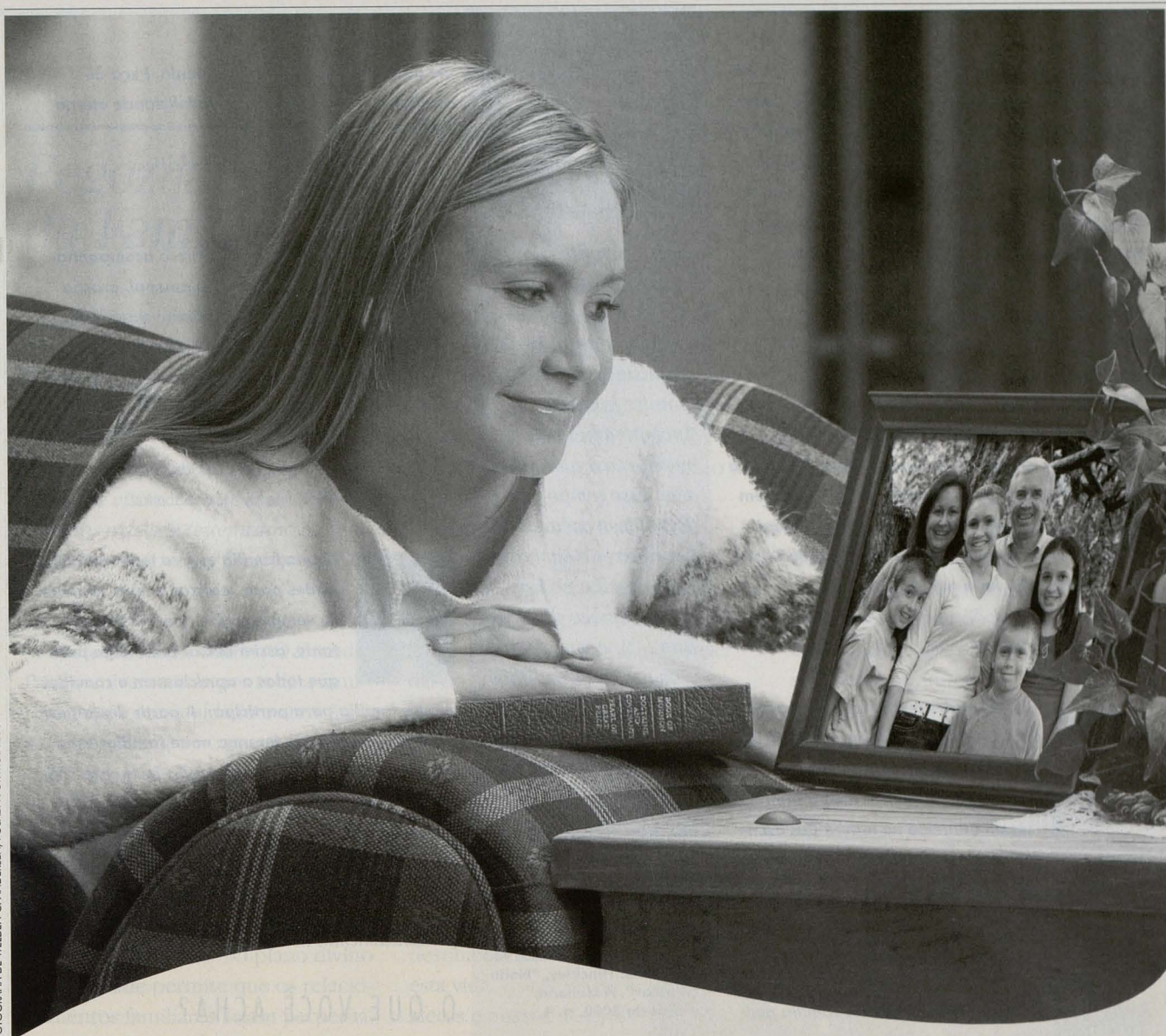
Seja paciente com sua família e continue a empenhar-se. As bênçãos da oração familiar, estudo das escrituras e noite familiar compensarão o esforço.

eles mesmos poderão dar aulas. Diga-lhes que você está disposto a ajudá-los.

Se seus pais forem membros da Igreja, é bem provável que tenham o desejo de fazer essas coisas e que precisem apenas de um pouco de auxílio. Ofereça-se para preparar uma lição. Incentive seus irmãos a participarem com uma atitude positiva. Esteja pronto quando seus pais os chamarem para essas atividades. Mesmo que seus pais não sejam membros, é possível que apoiem uma noite familiar semanal. Planeje uma ou duas delas para que eles vejam como a noite familiar pode ser algo bom para a família.

E, o mais importante de tudo, convide o Espírito do Senhor durante as orações, o estudo das escrituras e a noite familiar. Você pode fazer isso sendo reverente, prestando testemunho e externando seu amor e gratidão pelo evangelho e por sua família. Quando seus familiares forem tocados pelo Espírito, desejaram continuar essas atividades.

Às vezes, você poderá ficar frustrado com sua família, mas tente ser paciente. A frustração é o contrário dos sentimentos que essas



atividades pretendem criar. Em vez disso, empenhe-se ao máximo para incentivar sua família — convide-os, jejue e ore por eles, planeje noites familiares divertidas e espirituais e assim por diante — e então permita que sua família faça suas próprias escolhas. Se você der um bom exemplo com paciência e amor, eles poderão vir a unir-se a você.

Quer você faça essas atividades sozinho, com um irmão ou irmã ou com a família inteira, será abençoado por seus esforços. A oração familiar, o

estudo das escrituras e a noite familiar fortalecerão sua família e aproximarão vocês do Senhor.

LEITORES

Quando chega a hora do estudo das escrituras e da oração familiar, digo a meus irmãos e pais: "Escrituras e oração daqui a cinco minutos". Assim, eles têm tempo para terminar o que estiverem fazendo. No caso da noite familiar, revezamo-nos para dar as aulas. Talvez você possa mencionar essa idéia a seus pais e oferecer-se para fazer

um calendário e relembrar com antecedência a pessoa responsável pela lição.

Courtney Moss, 15 anos, Ala Hidden Springs, Estaca Moreno Valley Califórnia



A chave é a oração, o amor e a fé. Assim, com o passar do tempo, sua família se sensibilizará com seu esforço para manter a união

familiar e seu desejo de ter uma família eterna.

Diana Martins, 18 anos, Ala Lisboa V, Estaca Lisboa Portugal

Para ajudar nossa família a entusiasmar-se com a noite familiar, eu e minha irmã distribuimos convites caseiros aos membros da família, informando quando e onde se realizará a lição. Em seguida, acessamos o site www.lds.org e planejamos uma lição. Em certa ocasião, eu e minha irmã fizemos uma pequena peça teatral e cantamos uma música. Às vezes, preparamos um lanche para servir ao fim da lição.

Autumn Reese, 13 anos, Ala Woodhaven, Estaca Idaho Falls Idaho Taylor Mountain



Um grande incentivo que todos podemos dar para a noite familiar, a oração e o estudo das escrituras em família é ser um exemplo. Se fizermos nossa parte, o Espírito de Cristo entrará em nosso lar e nele habitará.

Érika Patrícia Gomes da Silva, 15 anos, Ala Guarujá, Estaca Guarujá Brasil



Posso ajudar minha família orando para que todos recebam inspiração para fazer essas coisas. Tentarei dar um bom exemplo em minha família sendo diligente na leitura das escrituras e orando para que os membros de minha família sejam influenciados.

Lotomua Lealaisalanoa, 16 anos, Ala Pesega III, Estaca Pesega Samoa



Ajudo a motivar minha família perguntando a meus pais o que vamos fazer. Tento propor idéias divertidas e originais que sejam do agrado da família inteira. Ofereço-me para dar a aula na noite familiar. Preparar um lanche especial funciona bem para unir a família por uma noite. Tente transformar a noite familiar em algo de que a família queira participar, não uma atividade desagradável que eles desejem evitar todas as semanas.

Jarrett Lever, 15 anos, Ala Holladay IV, Estaca Salt Lake Holladay Sul

É preciso continuar a motivar a família trazendo o Espírito do Senhor ao lar. Ore, estude as escrituras e converse amavelmente uns com os outros a fim



“As noites de segunda-feira são reservadas em toda a Igreja exclusivamente para a noite familiar. Incentivamos os membros a que reservem esse tempo para fortalecer os laços familiares e ensinar o evangelho no lar. No começo deste ano (...), aconselhamos os pais e os filhos a darem a prioridade máxima à oração familiar, à noite familiar e o estudo e ensino do evangelho, entre outras atividades familiares.”

A Primeira Presidência, ver Gordon B. Hinckley, “Noite Familiar”, *A Liahona*, março de 2003, p. 4.

de que a família viva em harmonia. Peça ao Senhor que o ajude a atingir a felicidade eterna em sua família.

Vanessa T. Teupoorautoa, 18 anos, Ramo Hipu, Estaca Raromatai Taiti



Fiz um quadro para o acompanhamento da oração pessoal, oração familiar, estudo diário das escrituras e assim por diante. Ao concluirmos cada atividade, colocamos um adesivo no quadro, e a pessoa que fizer mais pontos ganha um prêmio.

Francisco Javier Domínguez Lubiano Hdz., 15 anos, Ala Pedregal, Estaca Monterrey México Libertad



Minha família estava tendo dificuldades para realizar a noite familiar. Eu sempre soube que era importante, assim decidi fazer algo para que todos a apreciassem e convidei

minha família para participar. A partir desse gesto simples, passamos a ter uma noite familiar estruturada todas as noites de segunda-feira. Isso fortaleceu muito minha família.

Ashley Atkinson, 17 anos, Ala Bracebridge, Estaca Sudbury Ontário

As respostas da revista A Liahona e dos leitores são concedidas à guisa de orientação, não como pronunciamentos doutrinários da Igreja.

O QUE VOCÊ ACHA?

Jovens leitores: Envie sua resposta à pergunta abaixo, juntamente com seu nome, data de nascimento, endereço, ala e estaca (ou ramo e distrito) e sua fotografia para:

Questions and Answers 11/05

50 E. North Temple St. Rm. 2420

Salt Lake City, UT 84150-3220, USA

Ou e-mail: cur-liahona-imag@ldschurch.org

Envie a resposta de modo que chegue antes de 15 de novembro de 2005.

PERGUNTA

“Sei que devo servir como missionário, mas me sentiria hipócrita, pois não sei se a Igreja é verdadeira. O que devo fazer?” ■

Regozijar-se no Conhecimento da Família Eterna



Em espírito de oração, leia a mensagem a seguir e escolha as escrituras e ensinamentos que melhor atendam às necessidades das irmãs que você visita. Fale de suas experiências e de seu testemunho e incentive as irmãs a fazerem o mesmo.

Profeta Joseph Smith: “O Grande Pai do universo vela por toda a família humana com cuidado e atenção paternos; Ele os vê como Sua prole”. (*History of the Church*, volume 4, p. 595)

Qual É o Plano de Deus para as Famílias?

Primeira Presidência e Quórum dos Doze Apóstolos: “O plano divino de felicidade permite que os relacionamentos familiares sejam perpetuados além da morte. As ordenanças e os convênios sagrados dos templos santos permitem que as pessoas retornem à presença de Deus e que as famílias sejam unidas para sempre”. (“A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liabona*, outubro de 2004, p. 49)

Presidente Gordon B. Hinckley: “O trabalho do templo preocupa-se com a família, com cada um de nós como membros da família eterna de Deus e com cada um de nós como membros de uma família terrena. Preocupa-se com o caráter sagrado e eterno do convênio matrimonial e

dos relacionamentos familiares. (...) Como todos os homens e mulheres são filhos do Pai Celestial, cada um é membro de uma família divina; assim, todos são irmãos”. (“Why These Temples?”, *Tambuli*, junho de 1992, p. 4)

D&C 110:14–15: “Eis que é chegado plenamente o tempo proferido pela boca de Malaquias — testificando que ele [Elias, o profeta] seria enviado antes que viesse o grande e terrível dia do Senhor — para voltar o coração dos pais para os filhos e os filhos para os pais”.

Como Posso Receber as Bênçãos de uma Família Eterna?

Presidente Joseph F. Smith

(1838–1918): “Nosso relacionamento [familiar] não se destina exclusivamente a esta vida. (...) Nossos afetos e nossos desejos foram adequados e preparados para durar (...) por toda a eternidade”.

(*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph F. Smith* [1998], pp. 385–386)

Élder Robert D. Hales, do Quórum dos Doze Apóstolos:

“Um laço eterno não resulta apenas de convênios seladores que fazemos no templo. A maneira de procedermos nesta vida determinará o que seremos em toda a eternidade. Para receber as bênçãos do selamento que o Pai Celestial nos

concedeu, precisamos guardar os mandamentos e portar-nos de modo que nossa família deseje viver a nosso lado na eternidade”. (“The Eternal Family”, *Ensign*, novembro de 1996, p. 65)

Anne C. Pingree, segunda conselheira na presidência geral da

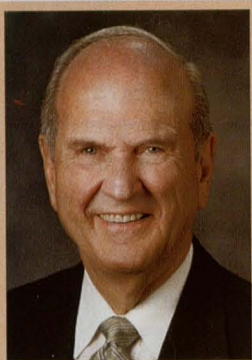
Sociedade de Socorro:

“Quando uma mulher decide colocar Cristo no âmago de seu ser, no centro de seu mundo pessoal, ela faz com que o Senhor passe a ser o centro de seu lar e de sua família; quer ela seja sozinha ou tenha uma família numerosa. Não importa onde ela more ou em que situação esteja, sendo o coração do lar e da família, o que ela tiver no coração se refletirá no ambiente e espírito de sua casa”. (“Escolhei Portanto Cristo, o Senhor”, *A Liabona*, novembro de 2003, p. 110) ■



As CHAVES do SACERDÓCIO

Nono artigo de uma série sobre o sacerdócio e seus propósitos.



As chaves são conferidas pela imposição de mãos por alguém que possua a devida autoridade e cuja autoridade seja conhecida na Igreja.

ÉLDER RUSSELL M. NELSON

Do Quórum dos Doze Apóstolos

As chaves são importantes e valiosas. A maioria de nós leva chaves no bolso ou bolsa por todos os lugares aonde vai. Outras chaves não são apenas importantes e valiosas — são preciosas, poderosas e invisíveis! Possuem significado eterno. São as chaves do sacerdócio.¹

O Profeta Joseph Smith ensinou: “Os princípios fundamentais, governo e doutrina da Igreja dependem das chaves do reino”.² Essas chaves dizem respeito ao direito de presidir a autoridade do sacerdócio em nome do Senhor Jesus Cristo. As chaves detêm o direito de presidir uma organização local da Igreja, como uma estaca, ala ou ramo, missão ou distrito, quórum do sacerdócio ou templo. As chaves são conferidas pela imposição de mãos por alguém que possua a devida autoridade e cuja autoridade seja conhecida na Igreja.³

Todas as chaves do reino de Deus na Terra são possuídas pelos membros da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze Apóstolos. O presidente da Igreja — o apóstolo sênior — preside a Igreja inteira e é a única pessoa na Terra que exerce todas as chaves em sua plenitude.⁴ Ele delega autoridade conferindo ou autorizando o conferimento de chaves a outros portadores do sacerdócio em seus ofícios e chamados específicos.⁵

O sacerdócio é a autoridade de Deus delegada ao homem para ministrar para a salvação

dos homens. “O poder de dirigir esse trabalho constitui as chaves do sacerdócio.”⁶ Fazemos a distinção entre possuir o sacerdócio e possuir as chaves do sacerdócio. Quando um homem recebe chaves, não recebe um suplemento de sacerdócio. O que ele tem é o direito de dirigir o trabalho do sacerdócio.

Preparação e Permissão

Para servir bem como portador do santo sacerdócio, um homem precisa tanto de preparação como permissão. Vou relatar uma experiência pessoal. Antes de meu chamado para o Quórum dos Doze Apóstolos, trabalhei como médico e cirurgião. Eu tinha dois títulos de doutor e o credenciamento de duas juntas de especialistas. Essa longa preparação consumira muitos anos, mas os estudos em si não me autorizavam a servir ao público. Por quê? Porque eu precisava de permissão legal.

Essa permissão só podia ser concedida por autoridades do governo estadual e de juntas diretoras dos hospitais nos quais eu desejava trabalhar. Depois de receber das autoridades competentes a licença e permissão, eu podia cuidar de pacientes que precisavam de tratamento cirúrgico para seus problemas de saúde. Depois de os administradores legais exercerem suas chaves, eu podia prestar os serviços para os quais eu fora preparado.

Em contrapartida, eu tinha contas a prestar às pessoas que me tinham concedido aqueles privilégios. Eu precisava obedecer a



normas éticas e jurídicas e nunca abusar do poder que me fora confiado.

Os passos importantes de preparação e autorização relativos à medicina (e outras profissões) aplicam-se também ao serviço no sacerdócio. Os portadores do sacerdócio — Aarônico e de Melquisedeque — têm autoridade para servir no sacerdócio. Como agentes do Senhor, têm o direito de realizar ordenanças sagradas do evangelho. As chaves autorizam a realização desse serviço.

Existe também a distinção entre autoridade do sacerdócio e poder do sacerdócio. Quando alguém é ordenado a um ofício no sacerdócio, recebe autoridade. Contudo, o poder vem do exercício dessa autoridade em retidão.⁷ Assim, embora os portadores do sacerdócio tenham autoridade, precisam preparar-se para ter poder. Fazem-no ao tornarem-se pessoalmente dignos e aprenderem e praticarem os deveres e doutrinas do sacerdócio.

Por que essas coisas são tão importantes? Por que o poder de agir em nome de Deus é tão importante? Por que

é importante que os portadores do sacerdócio se preparem para servir com poder? Porque o sacerdócio é de significado eterno. O sacerdócio beneficia a todos os homens, mulheres e crianças que vivem hoje, viveram no passado ou ainda hão de viver na Terra. Os portadores do sacerdócio precisam preparar-se para pôr as bênçãos do sacerdócio ao alcance de todos os filhos de Deus. Os detentores das chaves do sacerdócio precisam compreender como usar essas chaves com sabedoria e retidão.⁸

História das Chaves do Sacerdócio

As chaves e autoridade do sacerdócio podem ser traçadas em três períodos da história: na antigüidade, durante o ministério mortal do Senhor e em nossos dias.

Primeiro Período: Antigüidade. A autoridade do sacerdócio era conhecida na antigüidade, mesmo antes da criação da Terra. O Profeta Joseph Smith declarou: “O Sacerdócio é um princípio eterno e existiu com Deus desde toda a eternidade e existirá para toda eternidade”.⁹



O Presidente Brigham Young (1801–1877) acrescentou que o sacerdócio “é a lei pela qual os mundos existem, existiram e continuarão a existir para todo o sempre”.¹⁰

Na esfera pré-mortal, existimos como filhos espirituais de Deus. Abraão era um de nós. Foi-lhe dito que estava entre os escolhidos antes do nascimento para serem “governantes” (líderes espirituais).¹¹ As escrituras relatam também que o Senhor Deus preordenou segundo Sua santa ordem sacerdotes que foram preparados desde a fundação do mundo de acordo com Sua presciência. Assim, nosso chamado para possuir o santo sacerdócio foi predito mesmo antes de nascermos.¹²

Adão recebeu a autoridade do sacerdócio antes da formação do mundo.¹³ Sabemos que o “sacerdócio foi concedido inicialmente a Adão; ele obteve a Primeira Presidência e deteve suas chaves de geração a geração”.¹⁴ O sacerdócio foi conferido no decorrer das gerações de Adão a Moisés “através da linhagem dos pais deles”.¹⁵ Referindo-se aos profetas da época do Velho Testamento, o Profeta Joseph Smith declarou que “todos os profetas possuíam o Sacerdócio de Melquisedeque”.¹⁶

Segundo Período: O Ministério Mortal do Senhor.

Durante Seu ministério mortal, Jesus conferiu o sacerdócio a Seus Doze Apóstolos e revelou o princípio das chaves do sacerdócio. A Seu Apóstolo Pedro, o Salvador declarou: “E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus”.¹⁷ O Senhor também prometeu essas chaves a Tiago e João.¹⁸

Uma semana depois de fazer essa promessa, Jesus levou Pedro, Tiago e João a uma montanha elevada. Lá, sob a direção do Senhor, as chaves do sacerdócio foram conferidas a esses apóstolos por Moisés e Elias, o profeta.¹⁹

O Mestre lembrou a Seus discípulos sobre a fonte da autoridade deles: “Não me escolhesteis vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei”.²⁰

Pouco tempo depois, o Salvador foi crucificado. Mesmo antes de os apóstolos originais terminarem seu trabalho, iniciou-se a Apostasia. Ela aconteceu, como profetizado, quando os ensinamentos dos portadores das chaves do sacerdócio foram rejeitados e as ordenanças sagradas, profanadas.²¹

Terceiro Período: Nossos Dias. A restauração das chaves do sacerdócio é um dos muitos milagres desta que é dispensação da plenitude dos tempos.²² Como o Profeta ensinou: “As chaves precisam ser trazidas do céu sempre que o evangelho é enviado”.²³ Em 1820, nosso Pai Celestial e Seu Filho, Jesus Cristo, apareceram ao Profeta Joseph Smith. Em maio de 1829, João Batista conferiu o Sacerdócio Aarônico a Joseph Smith e Oliver Cowdery.²⁴ Ao fazer isso, Ele conferiu “as chaves do ministério de anjos e do evangelho do arrependimento e do batismo por imersão para remissão de pecados”.²⁵ Pouco depois, o Profeta e seu companheiro receberam o Sacerdócio de Melquisedeque das mãos de Pedro, Tiago e João.²⁶ Joseph Smith tinha chaves para organizar a Igreja, enviar missionários e ordenar líderes do sacerdócio.

Posteriormente, o Senhor falou com Joseph e Oliver sobre outros homens a quem tinham sido conferidas chaves adicionais específicas do sacerdócio.²⁷ Cada um deles, por sua vez, conferiu essas chaves a Joseph e Oliver:

- Moisés conferiu as chaves da coligação de Israel e da liderança das dez tribos;²⁸
- Elias, as chaves do convênio abraâmico;²⁹
- E Elias, o profeta, as chaves da autoridade seladora.³⁰

Joseph Smith conferiu essas chaves do sacerdócio restaurado a todos os apóstolos chamados em seus dias.³¹ Essas chaves foram transferidas então ao longo das gerações até os líderes atuais da Igreja. Hoje em dia, o presidente da Igreja possui ativamente cada chave detida por “todos os que receberam uma dispensação em qualquer tempo, desde o começo da criação”.³²

Um momento sagrado de minha vida aconteceu em 12 de abril de 1984, quando a Primeira Presidência e membros do Quórum dos Doze Apóstolos impuseram as mãos sobre minha cabeça. Como se fizera com outros homens antes de mim, foram-me conferidas todas as chaves do sacerdócio. Assim como cada membro do Quórum dos Doze, possuo todas as chaves do sacerdócio conforme restauradas nestes últimos dias, mas algumas chaves só são usadas sob a direção específica do apóstolo sênior ou por ocasião de sua morte. Todos nós no Quórum dos Doze Apóstolos sentimos o peso da responsabilidade e o fardo da confiança infinita depositada em nós. Sabemos que as chaves que possuímos foram restauradas “para os últimos dias e pela última vez”.³³

Obrigações e Responsabilidades

Quando se impõem as mãos sobre a cabeça de um homem para ordená-lo ou designá-lo, tanto aquele que ordena como o que é ordenado à autoridade do sacerdócio tem obrigações e responsabilidades. Permitam-me fazer

uma ilustração. Imaginem que possuem chaves de algo de valor em sua vida: um veículo, uma casa ou um instrumento precioso. Se vocês emprestarem essas chaves a outras pessoas para que usem seu objeto, vocês têm certas obrigações. Como donos, vocês têm um dever para com o êxito da pessoa que tomou o objeto emprestado. Assim, devem instruir e treinar adequadamente o usuário, a fim de protegê-lo e, ao mesmo tempo, salvaguardar seu próprio objeto de valor. A pessoa que recebe também tem obrigações. Ela precisa conhecer as leis aplicáveis e segui-las, cuidar do bem e prestar contas da forma como o utilizou.

Os mesmos conceitos aplicam-se às chaves do sacerdócio. Os presidentes de templo, presidentes de missão, presidentes de estaca, presidentes de distrito, bispos, presidentes de ramo e presidentes de quórum de élderes possuem chaves de presidência do sacerdócio. Suas chaves controlam o poder de sua unidade da Igreja. Para que a missão da Igreja se cumpra, esses líderes não apenas fazem chamados e desobrigações, mas também treinam as pessoas a quem chamam e pedem que lhes prestem contas. Assim, os membros que recebem ordenanças ou chamados do sacerdócio para servir na Igreja têm obrigações de obediência e responsabilidades.

Todos os quóruns do sacerdócio têm um presidente, seja um quórum de diáconos, mestres, sacerdotes, élderes ou sumos sacerdotes. Cada presidente possui chaves de autoridade. As atividades e oportunidades de serviço no quórum são autorizadas pelo presidente, que detém essas chaves. Embora o presidente do quórum possua chaves, seus conselheiros não. Os presidentes das auxiliares não possuem chaves. Os conselheiros e o presidente das auxiliares servem sob designação de alguém que possui chaves que, por sua vez, delegou autoridade para cada um deles agir.

O sacerdócio
foi conferido
aos homens
na antigüidade
“através da linba-
gem dos pais deles”.



Quando alguém é desobrigado de seu chamado no sacerdócio, caso tenha recebido chaves, essas chaves são devolvidas, a fim de serem conferidas pela devida autoridade ao novo líder. Quando um bispo é desobrigado, por exemplo, sua ordenação do sacerdócio ao ofício de bispo permanece, mas suas chaves do sacerdócio para servir como bispo da ala são conferidas ao novo bispo.

Os bispos possuem as chaves de presidência do sacerdócio. Eles não só fazem chamados e desobrigações, mas também treinam as pessoas a quem chamam e pedem que lhes prestem contas.

sagradas. Oro para que as usemos com sabedoria e exatamente como o Senhor espera de nós. ■

NOTAS

1. Ver Russell M. Nelson, "Keys of the Priesthood", *Ensign*, novembro de 1987, pp. 36–39.
2. *Teachings of the Prophet Joseph Smith*, sel. Joseph Fielding Smith (1976), p. 21.
3. Ver D&C 42:11.
4. Ver D&C 132:7.
5. Ver D&C 107:8–9, 91–92; 124:123.
6. Joseph F. Smith, *Teachings of Presidents of the Church: Joseph F. Smith* (1998), p. 141.
7. Ver Russell M. Nelson, "Responsabilidade Pessoal no Sacerdócio", *A Liabona*, novembro de 2003, p. 44.
8. As informações relativas às chaves do sacerdócio estão resumidas em *Manual de Instruções da Igreja, Volume 2: Líderes do Sacerdócio e Auxiliares* (1998), p. 161.
9. *Teachings of the Prophet Joseph Smith*, p. 157.
10. *Ensinaamentos dos Presidentes da Igreja: Brigham Young* (1997), p. 125.
11. Ver Abraão 3:23.
12. Ver Alma 13:1–5.
13. Ver *Teachings of the Prophet Joseph Smith*, pp. 157, 167–168; ver também D&C 78:16.
14. *Teachings of the Prophet Joseph Smith*, p. 157.
15. D&C 84:15; ver também D&C 84:6–17; 107:41–57.
16. *Teachings of the Prophet Joseph Smith*, p. 181.
17. Mateus 16:19; ver também D&C 128:10.
18. Ver D&C 7:7.
19. Ver Mateus 17:1–5; ver também *Teachings of the Prophet Joseph Smith*, p. 158.
20. João 15:16; ver também D&C 7:7.
21. As escrituras da Restauração trazem uma profecia e promessa semelhante: "E se meu povo der ouvidos a minha voz e à voz de meus servos que designei para guiar meu povo, eis que em verdade vos digo que não serão removidos de seu lugar". (D&C 124:45)
22. Ver D&C 27:13; 128:18, 20–21.
23. *Teachings of the Prophet Joseph Smith*, p. 157.
24. Ver D&C 13; 27:8; Joseph Smith — História 1:69, 72.
25. D&C 13:1; 107:20; Joseph Smith — História 1:69; ver também D&C 129.
26. Ver D&C 27:12–13.
27. Ver D&C 27:6–13. Morôni também possuía chaves para o Livro de Mórmon. (Ver D&C 27:5.)
28. Ver D&C 110:11.
29. Ver D&C 110:12; Joseph Fielding Smith, *Doctrines of Salvation*, comp. Bruce R. McConkie, 3 vols. (1954–1956), volume 3, pp. 126–127.
30. Ver D&C 27:9; 110:13–16; ver também D&C 128:17–18, 21; 132:7, 19.
31. Ver *Doctrines of Salvation*, volume 3, pp. 154–156.
32. D&C 112:31; ver também v. 30.
33. D&C 112:30.
34. D&C 84:44.
35. Ver D&C 124:45–46.
36. D&C 38:27.
37. D&C 35:25.
38. D&C 121:37.
39. Ver Alma 13:1–5.

Revelação, Lealdade e o Privilegio de Servir

Os homens que recebem o Sacerdócio de Melquisedeque estão sob juramento e convênio solenes de "[viver] de toda palavra que sai da boca de Deus".³⁴ Ao agirem assim, tornam-se dignos de receber revelação pessoal.

A lealdade também é vital para receber poder pessoal no sacerdócio. A lealdade ao líder que possui as chaves para chamar e desobrigar promoverá a unidade, e a unidade é essencial para o sucesso.³⁵ O Senhor explicou isso quando disse: "Se não sois um, não sois meus"³⁶ e "Israel será salvo em meu próprio e devido tempo; e pelas chaves que dei será guiado".³⁷

Precisamos ser lembrados e advertidos de que o privilégio do serviço do sacerdócio, caso abusado, poderá ser retirado. Isso não é algo difícil de compreender. O mesmo alerta aplica-se às atividades seculares. Se alguém dirigir um automóvel alheio de modo imprudente, é bem provável que o dono lhe recuse a permissão de voltar a usá-lo no futuro. O mesmo se dá com a autoridade do sacerdócio. Se houver um abuso, "o Espírito do Senhor se magoa e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade desse homem".³⁸

Todo portador do santo sacerdócio deve sentir-se profundamente grato por esse privilégio incomparável. É de causar assombro saber que cada um de nós foi preordenado desde antes da fundação do mundo para a responsabilidade que tem agora.³⁹

Sejamos fiéis à confiança que o Salvador depositou naqueles que possuem Seu santo sacerdócio e suas chaves

Perseverar após a Conversão

Inicialmente, eu não acreditava, mas tudo mudou quando aprendi sobre a veracidade do evangelho.

VACLAVA SVOBODOVA

Ao longo de toda a minha vida, foi-me ensinado que Deus não existia. Eu mal sabia o quanto isso iria mudar quando me inscrevi para fazer intercâmbio estudantil nos Estados Unidos, representando a República Tcheca. Quando preenchi os formulários de candidatura, uma das perguntas era: "Qual é sua preferência religiosa?" Eu sabia que os americanos eram, em sua maioria, cristãos, assim foi isso que escrevi. Mas na verdade eu não tinha crença alguma.

Com grande ansiedade, esperei o resultado da candidatura. Onde eu iria morar?

Fui designada para a família de Grant e Jewel Hodson, santos dos últimos dias, em Utah. Onde ficava Utah? Mórmons? Quem são eles? Fiz pesquisas sobre Utah em livros e procurei também informações sobre os mórmons. Os livros diziam coisas terríveis sobre a Igreja e principalmente sobre Joseph Smith. Passei minha última noite em casa chorando. Estava aterrorizada.

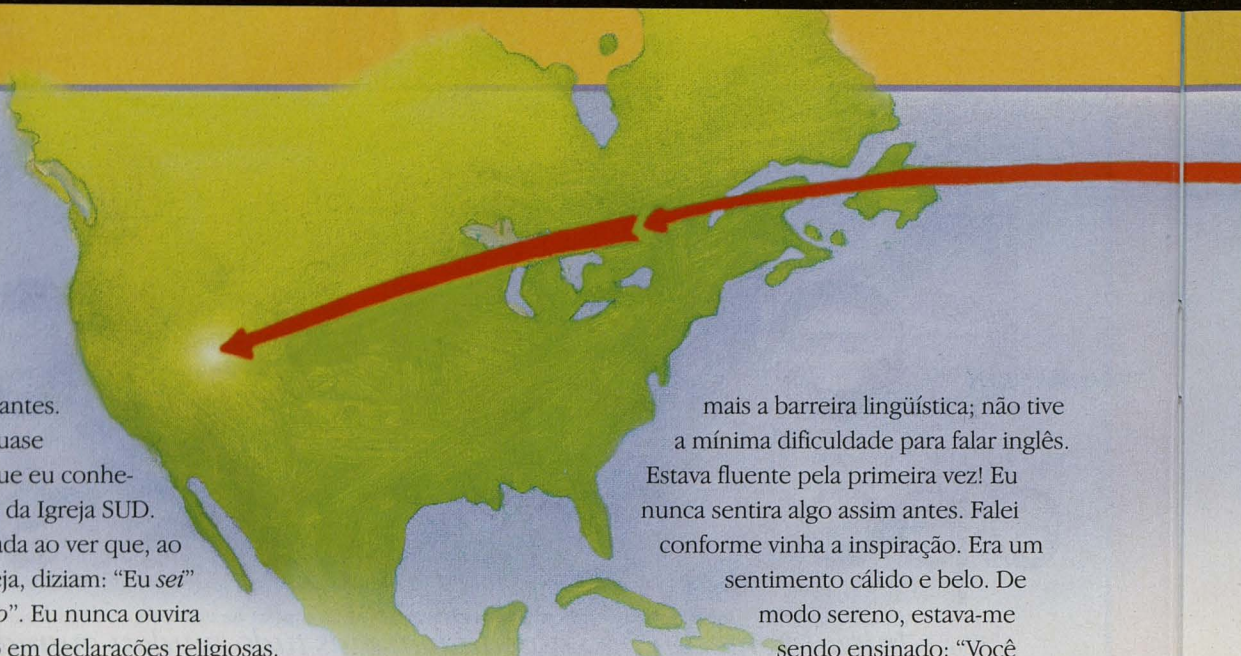
Minha mãe garantiu-me que tudo ficaria bem e que

se eu não gostasse da família ou de Utah, poderia voltar para casa ou ser designada para outra família.

Quando cheguei a Utah, Emily, uma das filhas, veio buscar-me no aeroporto. Ela tinha 16 anos de idade, estava usando roupas normais e informais e era muito simpática. Pensei: "Nossa! Talvez não vá ser tão ruim assim!" A família inteira recebeu-me calorosamente, de braços abertos.

Tive de adaptar-me à nova cultura. Vi que a família anfitriã orava antes de cada refeição e antes de dormir. Eles não tomavam bebidas alcoólicas nem fumavam. Levavam uma vida pautada por princípios morais elevados. Tudo se contrapunha frontalmente ao modo de vida dos adolescentes





que eu conhecera antes.

E parecia que quase todas as pessoas que eu conhecia eram membros da Igreja SUD. Fiquei impressionada ao ver que, ao falarem de sua igreja, diziam: “Eu sei” e não: “Eu *acredito*”. Eu nunca ouvira antes tal convicção em declarações religiosas. Se essas pessoas podiam *saber*, deduzi que deveria haver um meio para eu também saber. Eu era o tipo de pessoa que precisava *saber*, pois se eu aceitasse os ensinamentos da Igreja, teria que fazer mudanças em meu modo de vida e em meus planos futuros.

Com o forte desejo de saber por mim mesma sobre a veracidade da Igreja, observei o exemplo de minha família anfitriã. Eles não faziam proselitismo, mas seu modo de vida despertou em mim o desejo de saber o que inspirava seus atos. Eu nunca vira tamanha fé.

Ouvi um líder da Igreja dizer: “As pessoas desejaram conhecer a Cristo por conhecerem vocês”. Eu queria conhecer a Cristo por conhecer a família Hodson. Eles eram um grande exemplo para mim da maneira como deve viver uma família.

Comecei a orar. Orei durante três semanas e nada aconteceu. Fiquei um pouco desanimada. Achei que talvez eu não fosse digna de sentir o amor de Deus.

Naquela mesma semana, decidi participar da tradicional reunião de testemunhos da família Hodson, realizada a cada primeiro domingo do mês. A mãe, Jewel, perguntou-me se eu gostaria de dizer algo. Respondi: “Claro”. Mas pensei: “O que vou dizer?”

Como todos tinham externado gratidão, achei que poderia ao menos agradecer aos Hodson por tudo o que já tinham feito por mim. Eles tinham sido muito pacientes comigo. Tratavam-me como sua própria filha e nunca me pressionavam a nada. Resolvi apresentar meus sinceros agradecimentos.

Fui a última a falar. Levantei-me e comecei a dizer o quanto era grata pela bondade e paciência deles e também por seu desejo de ensinar-me sobre Deus. Subitamente, fui tomada de um sentimento forte e arrebatador. Não havia

mais a barreira lingüística; não tive a mínima dificuldade para falar inglês. Estava fluente pela primeira vez! Eu nunca sentira algo assim antes. Falei conforme vinha a inspiração. Era um sentimento cálido e belo. De modo sereno, estava-me sendo ensinado: “Você *sabe* que o que está dizendo é verdade.

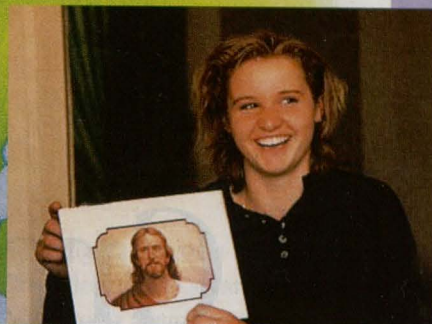
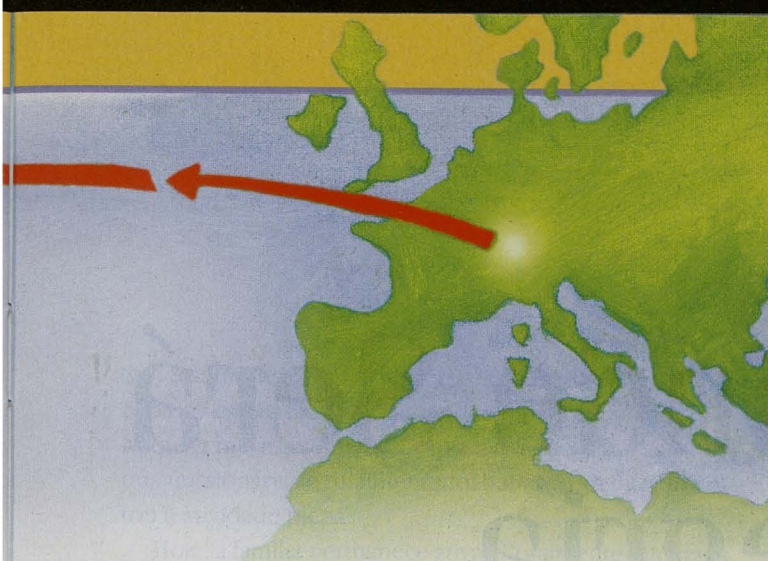
Você *sabe* que eu existo. Você *sabe*”.

E eu de fato sabia! Com lágrimas nos olhos, sentei-me. Pensei: “O que era aquilo?” Respondendo como se tivesse ouvido essa minha pergunta silenciosa, a mãe da família disse com serenidade: “O que você está sentido é o Espírito”. Tudo o que eu conseguia pensar era: “Nossa! É verdade!”

Com a permissão de meus pais na República Tcheca, pedi ao pai da família Hodson que me batizasse em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Foi um dia de grande alegria para mim. Senti-me tão limpa e renovada! Além dos Hodson, eu estava cercada de muitos membros da ala que tinham vindo apoiar-me. Fiquei muito grata por isso.

Quando saí de Utah e voltei para a República Tcheca, eu era o único membro da Igreja em minha cidade, Chrastava (8.000 habitantes) e também em Liberec (120.000 habitantes), uma cidade a cerca de 10 quilômetros de Chrastava. Eu trabalhava como recepcionista num hotel e dava aulas de inglês numa escola secundária particular. Eu estava tentando de todas as formas achar meu novo lugar em casa. Estava prestes a desistir. Contudo, continuei a ajoelhar-me todas as noites e a orar por um milagre que me tirasse de meu desespero. Empenhei-me ao máximo também para ficar longe de meus velhos hábitos e amigos.

Finalmente minhas orações foram respondidas. Os missionários vieram para Liberec, onde eu estava lecionando. (Fiquei sabendo depois que o irmão Hodson contactara o presidente da missão da República Tcheca e falara-lhe sobre mim. Agora há um ramo com cerca de 40 santos dos últimos dias em minha cidade natal e que está crescendo cada vez mais.)



Vaclava, ou Wendy, como às vezes é chamada, leva a mensagem do evangelho por todos os lugares em que passa.

Ela lembra-se da noite em que o Espírito lhe sussurrou que ela já sabia que o Pai Celestial existia e que essa era Sua Igreja.

Desde aquela época, frequentei a Universidade Brigham Young — Idaho e concluí meu curso de Belas Artes na Universidade Brigham Young — Havaí. Um dos pontos altos de meu período na BYU — Havaí foi jogar na equipe de voleibol. Naquele campus especial, meu testemunho fortaleceu-se.

Agora estou de volta ao lar na República Tcheca. Quero propagar a mensagem do evangelho. No início, meu pai e minha mãe acharam que eu estivesse louca por converter-me. Em seguida, passaram a apoiar-me completamente e sentiam-se gratos por meus estudos.

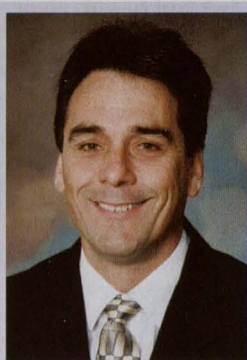
Talvez eu também venha a exercer influência como professora de Artes. As pessoas daqui precisam do evangelho e também da arte. Como desejo que saibam o que sei. Quero ensinar-lhes o verdadeiro plano de felicidade. Sei que o Pai Celestial deseja que meu povo tenha o evangelho e todas as coisas boas da vida. Sei que meu Pai Celestial me ama e me ajudará a dar o máximo de mim, embora eu tenha imperfeições. Continuo a querer ser guiada por Ele sempre. ■

Vaclava Svobodova é membro do Ramo Liberec, Distrito Praga República Tcheca





Quão Grande Será Vossa Alegria



O Pai Celestial nos ama e deseja que façamos o trabalho missionário e de ativação à Sua maneira.

ÉLDER RODRIGO MYRRHA

Setenta de Área
Área Brasil Sul

A seção 18 de Doutrina e Convênios ensina-nos que o Senhor ama Seus filhos e deseja que trabalhemos para a salvação deles. A cada vez que leio esta seção, vêm-me à mente muitas experiências sobre a ativação e retenção de membros da Igreja — experiências que me fazem lembrar que o Senhor guiará a obra se tivermos fé Nele e fizermos os esforços necessários.

Uma dessas experiências começou há alguns anos quando fui designado como mestre familiar de um rapaz que fora criado numa família fiel da Igreja. Depois de sair de casa para freqüentar a faculdade, escolheu outros caminhos. Mês após mês, meu companheiro no ensino familiar e eu o visitávamos sem sucesso; ele nem parecia ouvir o que lhe dizíamos. Contudo, quando vieram provações e ele ficou confuso, sem saber o que fazer para resolver seus problemas, foi a seus mestres familiares que ele procurou.

Naquela época, eu era seu presidente de estaca. Ele disse-me que se lembrara de algo que sua mãe lhe ensinara: “O Senhor ouve as orações dos que O buscam com sinceridade”. Ao confidenciar-me que voltara a orar e ler as escrituras, vi com alegria que o Senhor o tocara.

Decidi acompanhá-lo mais de perto, assim pedi que ele fosse designado como meu companheiro no programa de mestres familiares. Todos os meses, eu e ele visitávamos quatro lares, e eu preparava quatro mensagens diferentes com o intuito de fortalecer meu amigo e ajudá-lo a voltar à atividade no evangelho. Com o tempo, ele tomou a decisão de arrepender-se, assistir fielmente às reuniões e tomar o sacramento com sinceridade. O sacrifício do Senhor estava tendo efeito na vida dele.

Durante seis meses, visitamos um pai que era o único membro da Igreja em sua família. Apesar de nosso empenho e embora sempre fôssemos bem recebidos, não conseguimos ativá-lo nem batizar a esposa e os três filhos. Então, fomos inspirados a envolver as crianças e começamos a levá-las à Igreja aos domingos. Essa responsabilidade recaiu sobre meu companheiro.

Nossos esforços começaram a surtir efeito. As crianças adoravam ir à Igreja e logo foram batizadas. A ala inteira empenhou-se para envolver os pais, mas era preciso ainda que o Espírito do Senhor tocasse a vida deles.

Certa vez meu companheiro, que mal abria a boca durante nossas visitas mensais, tomou a palavra e prestou testemunho com muita emoção. Ele passara por muitas dificuldades em sua vida e agora contava como era maravilhoso estar nos braços do Senhor.

Seu testemunho foi tão sincero e contundente e o Espírito estava tão forte que todos fomos tocados. Naquela mesma semana, a esposa decidiu ouvir as palestras missionárias e finalmente foi batizada. O marido voltou à atividade plena.

Hoje, a família permanece ativa e totalmente integrada na ala e foi selada no templo do Senhor. Meu companheiro continua a progredir rapidamente no evangelho. Casou-se com uma jovem maravilhosa no templo e agora eles têm dois filhos. Estão felizes e prestam um serviço valioso a nossa ala e à Igreja.

Seis pessoas converteram-se ao evangelho como resultado dessa experiência. Um milagre coletivo! Sinto a alegria descrita nas escrituras:

“E quão grande é sua alegria pela alma que se arrepende!

Portanto sois chamados para clamar arrependimento a este povo.

E, se trabalhades todos os vossos dias clamando arrependimento a este povo e trouxerdes a mim mesmo que seja uma só alma, quão grande será vossa alegria com ela no reino de meu Pai!

E agora, se vossa alegria é grande com uma só alma que tiverdes trazido a mim no reino de meu Pai, quão grande será vossa alegria se me trouxerdes muitas almas!” (D&C 18:13–16)

Essa experiência ensinou-me três princípios essenciais:

1. O Senhor está à frente desta obra. Ele preparou o caminho. Ele interessa-Se e envolve-Se diretamente em nosso trabalho missionário.

2. As visitas dos mestres familiares e professoras visitantes devem ser consistentes e bem preparadas. Temos que levar o Espírito do Senhor aos lares que visitarmos. Precisamos também conquistar a confiança deles.

3. É essencial envolvermos outras pessoas no processo de ativação e conversão. Os líderes da ala ou ramo podem coordenar o trabalho com o conselho da ala ou ramo e o comitê executivo do sacerdócio para ajudar-nos a atingir nossos objetivos missionários.

Testifico que Deus é nosso Pai. Ele nos ama e deseja que façamos o trabalho missionário e de ativação à Sua maneira. Podemos tornar-nos instrumentos eficazes em Suas mãos para a salvação de Seus filhos amados. ■



Você É Mórmon?

Um colega de trabalho tinha algumas informações negativas sobre os santos dos últimos dias. Como eu poderia ajudá-lo a compreender que somos de fato cristãos?

ANA LEE GRANIELA LÓPEZ

Durante meu segundo ano de faculdade, trabalhei na biblioteca da universidade como estudante assistente. Certo dia, em dezembro, fui escalada para trabalhar com outro estudante. Eu não o conhecia antes, assim ao iniciarmos o expediente, tentei iniciar uma conversa. Falamos sobre a faculdade, o trabalho e nossa família.

À tarde, ele começou a cantarolar músicas que mencionavam Deus. Perguntei sobre a religião dele. Eu esperava que ele me fizesse a mesma pergunta, para que eu pudesse falar-lhe da Igreja, e ele o fez. Fiquei entusiasmada, pois era uma excelente oportunidade missionária. Com um enorme sorriso, respondi que era membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Ele demonstrou surpresa e, com um tom de voz não muito agradável, replicou: “Os mórmons? Você é mórmon? Aquelas pessoas que não crêem em Jesus Cristo?”

Suas palavras foram difíceis de ouvir. Entre as reações possíveis, eu não esperava ouvir que eu não acreditava em Jesus Cristo. Eu já ouvira histórias parecidas, mas agora estava vivendo na pele a situação. O que eu deveria

dizer? Como poderia responder a um comentário desse tipo? A única coisa que me veio à mente foi: “Mas é a Igreja de Jesus Cristo!”

Eu sabia que tinha de repetir mentalmente o lema das Moças — “Defender a Verdade e a Retidão” — e pô-lo em prática. Mas como?

Comecei a dizer ao outro assistente que nossa igreja é a Igreja de Jesus Cristo, que acreditamos Nele como nosso Salvador e que eu compreendia o amor que Ele tem pelos filhos de Deus. Exprimi do fundo da alma que eu acreditava em Jesus Cristo, que era membro de Sua Igreja e que aprendera a amá-Lo e seguir Seu exemplo.

Meu colega não quis mais dar-me ouvidos. Respondeu com hostilidade a meus comentários enquanto eu tentava explicar-me. E falou do Livro de Mórmon da mesma forma que falara da Igreja. Era fácil notar que ele não estava disposto a ouvir. E eu tampouco queria escutar o que ele dizia, pois estava tentando contender comigo. Eu sabia que não deveria continuar as explicações, assim prestei testemunho. Disse-lhe que *sabia* que tudo que eu estava lhe dizendo era verdade. Eu sentia-o no coração.





O QUE SIGNIFICA SER CRISTÃO?

“Algumas pessoas acham erroneamente que A Igreja

de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e seus membros não são cristãos. Temos dificuldade para compreender por que alguém aceitaria e promoveria uma idéia tão distante da verdade. (...)



Um dicionário define cristão como ‘alguém que professa crença em Jesus como o Cristo ou segue a religião baseada [na vida e ensinamentos de Jesus]’ e ‘alguém que vive

segundo os ensinamentos de Jesus’. Assim, duas características identificam os cristãos: (1) eles professam crer num Salvador e (2) agem em harmonia com os ensinamentos do Salvador. Os membros fiéis da Igreja, chamados santos dos últimos dias, preenchem claramente ambos os requisitos. Em nossas crenças e atos, demonstramos que ‘Jesus Cristo é a principal pedra de esquina’ [Efésios 2:20] de nossa fé.”

Élder Joseph B. Wirthlin, do Quórum dos Doze Apóstolos, “Christians in Belief and Action”, Ensign, novembro de 1996, p. 70.

que eu fizera. A oração era a melhor ferramenta que eu tinha. A oração e o Espírito Santo tinham-me ajudado a saber o que dizer e como testificar para meu colega e também a saber que o Pai Celestial estava contente comigo.

Essa experiência ajudou-me a saber com uma certeza ainda maior que esta é a verdadeira Igreja de Jesus Cristo e que, assim como Ele foi perseguido, Sua Igreja também o é. Aprendi a importância de ter um testemunho firme do evangelho de Jesus Cristo e Sua Igreja.

Acho que todos os membros jovens da Igreja devem procurar adquirir um testemunho firme a fim de poderem testificar às outras pessoas, mesmo que não consigam mudar a

Quando saí da biblioteca, fiquei a perguntar-me como alguém podia falar da Igreja daquela maneira. Pensei no que sentira ao testificar para ele e fiquei a indagar-me se deveria ter-lhe permitido expressar-se daquela forma. Senti raiva e medo e ocorreram-me coisas que poderia ter dito. Fiquei frustrada e tive dúvidas sobre meu próprio grau de espiritualidade, pois ele não mudara de idéia. Eu fracassara?

A caminho de casa, orei. Eu queria livrar-me dos sentimentos negativos. Desejava ter certeza das coisas que eu aprendera a vida inteira e sentir que o Pai Celestial estava satisfeito comigo pelo



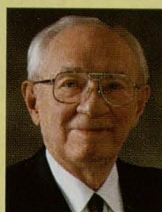
mentalidade delas. Quando testificamos, nosso testemunho, por sua vez, se fortalece e podemos ao menos plantar uma semente no coração das pessoas. Ainda que elas não demonstrem interesse inicialmente, poderão conhecer melhor nossas crenças. ■

Ana Lee Graniela López é membro da Ala Cabo Rojo II, Estaca Mayaguez Porto Rico.

EXTRA! EXTRA!

Há mais artigos em inglês sobre este assunto na Biblioteca do Evangelho em www.lds.org: Richard C.

Edgley, "A Disciple, a Friend" (*Ensign*, maio de 1998); Stephen E. Robinson, "Are Mormons Christians?" (*New Era*, maio de 1998); e Robert E. Wells, "We Are Christians Because . . ." (*Ensign*, janeiro de 1984).



POR QUE NÃO USAMOS A CRUZ?

Certa vez, um ministro perguntou ao Presidente

Gordon B. Hinckley por que os santos dos últimos dias não usam cruzes ou as exibem em suas capelas.

O Presidente Hinckley respondeu:

"Não quero ofender nenhum de meus colegas cristãos, que usam a cruz no campanário das catedrais e nos altares das igrejas, que a usam nas roupas e impressa em seus livros e outras publicações; mas para nós, a cruz é o símbolo da morte de Cristo, e nossa mensagem é uma declaração do Cristo vivo".

[O ministro] então perguntou: 'Se não usam a cruz, qual é o símbolo de sua religião?'

Respondi que a vida de nosso povo deve se transformar na expressão mais significativa de nossa fé".

Presidente Gordon B. Hinckley, "O Símbolo de Nossa Fé", *A Liahona*, abril de 2005, p. 2.

COMO RESPONDER

Lembre-se do que o Senhor disse: "Não procures pregar minha palavra, mas primeiro procura obter minha palavra e então tua língua será desatada; e então, se o desejares, terás meu Espírito e minha palavra, sim, o poder de Deus para convencer os homens". (D&C 11:21)

Depois de estudar e conhecer as doutrinas básicas da Igreja relativas ao Salvador, veja a seguir algumas sugestões sobre como explicar às pessoas que você pertence a uma igreja cristã.

- Explique-lhes que o nome completo da Igreja é A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Os outros nomes são apenas apelidos.
- Diga-lhes que os membros da Igreja acreditam na Bíblia e mostre-lhes passagens do Livro de Mórmon que testificam de Jesus Cristo.
- Explique a Restauração do evangelho — que Joseph Smith foi um grande profeta e que restaurou a Igreja de Cristo na Terra.

- Leve-os ao centro de visitantes local, se possível. Peça-lhes que olhem os quadros e estátuas do Salvador e conversem com os missionários.

- Convide-os para irem à Igreja com você a fim de verem por si mesmos que os membros da Igreja acreditam no Salvador.

- Encaminhe-os ao link "Perguntas feitas frequentemente" no site www.mormon.org em português a fim de terem mais explicações das doutrinas básicas da Igreja.

- Se eles não se mostrarem receptivos ao que você disser, não entre em discussões. Preste testemunho do Salvador e diga-lhes o que você sabe ser verdade.

- Não se sinta rejeitado se as pessoas não acreditarem em seu testemunho.

Lembre-se de que as coisas que você conhece continuam a ser verdadeiras e que esta é a verdadeira Igreja de Deus. Faça com que seu modo de vida testifique que você é cristão.

Mergulhar no Seminário

ADAM C. OLSON
Revistas da Igreja

Em algum lugar, no meio do oceano, numa bela ilha tropical onde a brisa cheira a flores e as palmeiras se estendem rumo ao céu, os jovens santos dos últimos dias estão descobrindo o poder das escrituras.

Na ilha do Taiti, palavra que significa “local de reunião”, muitos desses rapazes e moças estão reunindo-se todas as manhãs, às vezes às 5h15, para estudar as escrituras e aprender como o evangelho pode mudar sua vida.

O seminário no Taiti, como em várias das 117 ilhas que compõem a Polinésia Francesa, é bem freqüentado. É verdade que é difícil levantar-se cedo, mas esses jovens estão verificando que as bênçãos superam os sacrifícios.

“Não é fácil”, conta Vaitiare Timo, de 17 anos, da Ala Mahina, Estaca Arue Taiti. “Mas não há como escapar. Preciso ir. Tenho que servir ao Senhor, pois Ele já fez muito por mim.”

Cada um dos jovens tem seus próprios motivos para freqüentar o seminário. Eles vêm para aprender, compreender, aplicar o evangelho, ver os amigos, receber auxílio diário para os problemas da vida, preparar-se para a

missão e o casamento, converter-se, servir ao Senhor, sentir-se bem e encontrar segurança. Estão descobrindo que o seminário os ajuda a conseguir tudo isso e muito mais.

Interessar-se pelas Escrituras

“Venho para aprender”, diz Raymonde Chapman, 15 anos, da Ala Orofero, Estaca Paea Taiti, “para conhecer melhor as escrituras e a vida dos profetas. Quero compreender.”

Se Raymonde quer aprender mais sobre as escrituras, o seminário é o lugar certo. Não é incomum ouvir um professor do seminário dizer algo como: “Tentamos despertar o interesse dos alunos pelas escrituras para que elas se tornem parte da vida deles”.

É óbvio que esses alunos estão se interessando pelas escrituras e que as escrituras estão começando a fazer parte integrante deles.

Nos últimos tempos, a escritura favorita de Karere Teiho, de 18 anos, é D&C 10:5: “Ora sempre, para que saias vencedor; sim, para que venças Satanás e escapes das mãos dos servos de Satanás, que apóiam o trabalho dele”.

“Satanás é muito forte”, afirma Karere, membro da Ala Mahina. “Todas as manhãs

Os jovens no Taiti mergulham no estudo das escrituras.





antes do seminário, oro para receber auxílio para ser protegido das tentações. Funciona." Ele encolhe os ombros: "Não sou perfeito, mas até agora fui abençoado para achar forças para resistir".

Quando alunos como Karere começam a pôr em prática o que aprenderam, o poder das escrituras começa a verdadeiramente mudar sua vida.

"O seminário ajuda-nos a aplicar o evangelho em nossa vida", diz Benjamin Tuahiva, 14 anos, da Ala Orofero. "A vida dos profetas é um exemplo para nós."

"Gostei da parte em que José perdoou a seus irmãos", diz uma colega de Benjamin, Rumia Temauri, de 14 anos, falando sobre a ocasião em que José foi vendido ao Egito. "É um bom exemplo de como devemos ter bons relacionamentos com a família. Isso me ajudou."

A irmã Ariiotima Mahirava, professora de seminário de Benjamin e Rumia, pede aos alunos que aprendam uma passagem de domínio das escrituras todas as semanas. No

Para Karere Teiho, Vaitiare Timo, Kent Manarani (abaixo) e Rumia Temauri (à esquerda), o seminário não os ajudou apenas a compreender as escrituras, mas também a aplicá-las na vida.



verso de cada cartão de domínio das escrituras, há uma sugestão sobre como os alunos podem aplicar em sua vida o ensinamento da passagem. A irmã Mahirava desafia os alunos a viverem essa aplicação pessoal durante a semana e depois a prestarem seu testemunho na classe de como isso os abençoou.

“Acho que os alunos estão percebendo que o evangelho não é algo que se vive apenas aos domingos”, diz a irmã Mahirava. “É maravilhoso vê-los descobrir a luz brilhar.”

As Bênçãos do Seminário

Os alunos do seminário na Polinésia Francesa são gratos pela oportunidade de freqüentar esse programa. Reconhecem as muitas bênçãos que estão recebendo por sua fidelidade.

“É uma grande bênção saber que o Livro de Mórmon é a palavra de Deus”, afirma Karere. “Ele é a pedra fundamental de nossa religião. Ele nos ajudará a converter-nos a nosso Pai Celestial e Jesus Cristo. Passei a amá-Lo profundamente.”

Os alunos também começaram a sentir gratidão pelas palavras e experiências dos profetas.

“As histórias que aprendemos nas escrituras ajudam-nos todos os dias”, diz Vaitiare. “O que os profetas fizeram no passado nos auxilia hoje. As experiências da vida dos profetas modernos ajudam-me também, principalmente Joseph Smith.”

“Sei que o seminário me ajudará”, diz Karere. “Sei que irei todas as manhãs para aprender sobre o evangelho me ajudará quando eu for para a missão a saber como ensinar e testificar.”

Contar com o Apoio de Alguém

O seminário está não apenas ajudando a fortalecer os alunos individualmente, mas eles estão encontrando também força juntos.

“Há algumas classes que se reúnem ao mesmo tempo”, diz Vaitiare. “Assim,



AMIGOS DO SEMINÁRIO

“Obrigado por estarem procurando (...) [freqüentar] o instituto, por fazerem o seminário, por compartilhar as bênçãos que ali podem receber, não somente com respeito ao ensino do evangelho mas também no convívio uns com os outros. Quero dizer a vocês que procurem fazer amigos entre os membros da Igreja. Reúnam-se e fortaleçam uns aos outros. Desse modo, quando a tentação vier, terão alguém com quem contar para os abençoar e lhes dar a força de que necessitam.”

Presidente Gordon B. Hinckley, “Palavras do Profeta Vivo”, A Liahona, agosto de 1998, p. 16.

Presidente Gordon B. Hinckley, “Palavras do Profeta Vivo”, A Liahona, agosto de 1998, p. 16.

temos a oportunidade de conhecer alunos de outras classes e outras alas. Como a maioria de nós estuda na mesma escola, isso nos ajuda a fazer amigos no colégio que são membros da Igreja.”

Ter amigos que seguem os mesmos padrões ajuda esses aprendizes das escrituras a defenderem suas crenças como alunos da escola.

“Fazemos muitas coisas com nossos amigos que não são membros”, diz Vaitiare. “Mas às vezes é agradável contar com apoio de alguém que possui as mesmas crenças que nós.”

Em Segurança nos Últimos Dias

Vaitiare também tem uma escritura predileta — pelo menos até encontrar outra em seus estudos que a ajude da mesma forma. É Apocalipse 1:3: “Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo”.

“As escrituras nos ensinarão a verdade se as lermos”, diz ela. “O que os profetas nos ensinam é um guia para nós. Se seguirmos as escrituras e as palavras dos profetas,

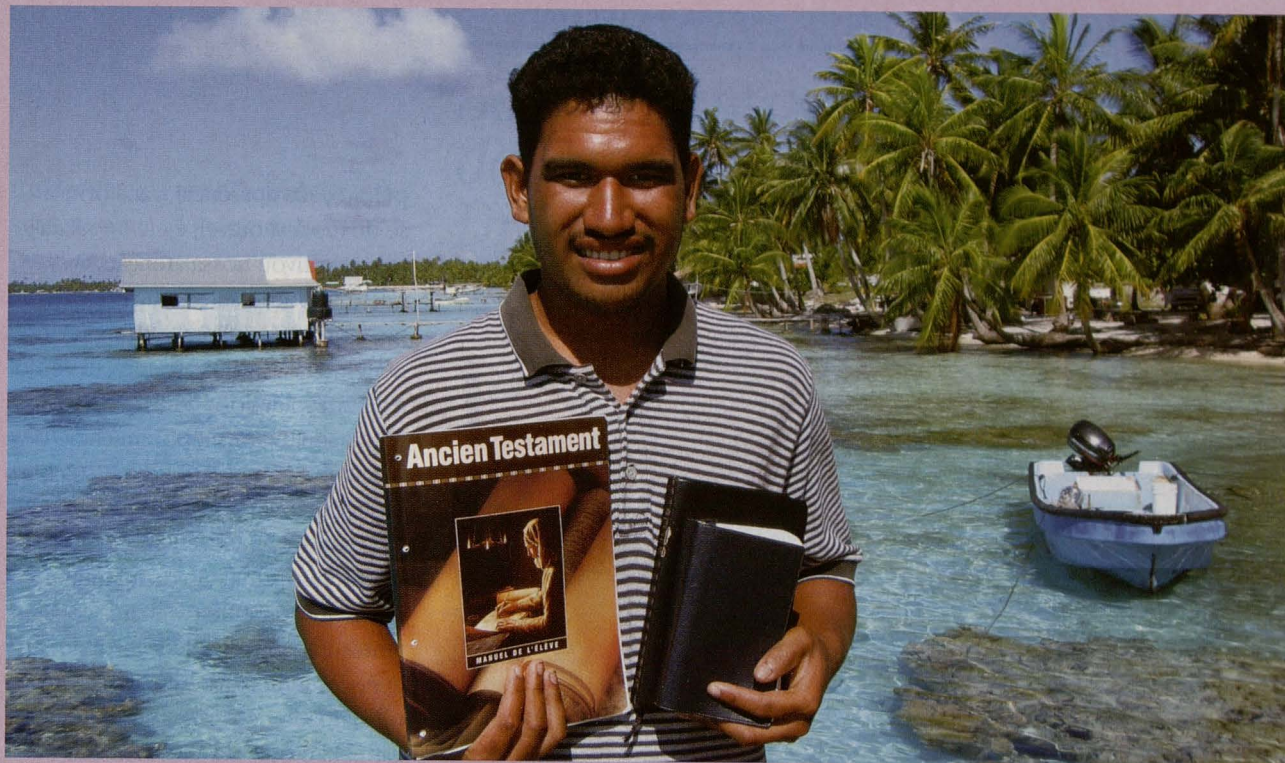
estaremos em segurança nos últimos dias.”

Esse é apenas mais um motivo para reunir-se no seminário e estudar as escrituras. ■



Raymonde Chapman gosta de estudar as escrituras no seminário.





SEMINÁRIO AO ANOITECER

RICHARD M. ROMNEY

Revistas da Igreja

Na ilha de Takaroa, a 600 quilômetros a nordeste do Taiti, o seminário não acontece de manhã, mas à noite.

Uma vez por semana, às quartas-feiras, ao pôr-do-sol, a irmã Hina Garbutt ensina seus alunos a respeito do evangelho restaurado. Ela está seguindo um padrão de ensino estabelecido na década de 1850 quando os missionários santos dos últimos dias começaram a pregar lá. De fato, a classe do seminário reúne-se numa capela construída na década de 1890.

Para os adolescentes que moram em Takaroa, o seminário é a única opção de estudos existente. Embora haja o ensino primário, a única alternativa para a escola secundária é ir para um internato em outra ilha, muito longe de lá.

“Entre os rapazes, só temos sacerdotes”, diz Tetuarere Temahaga (acima), 17 anos, do Ramo Takaroa II, Distrito Takaroa Tuamotu. “Os diáconos e mestres foram todos para o colégio interno. Todos acham

que o seminário é como uma escola para nós e assim vêm. Aprendemos muito e gostamos de estar juntos. O seminário permite-nos continuar a aprender.”

Como a maioria dos jovens de Takaroa, Tetuarere trabalha nas fazendas de pérolas. Ele precisa levantar-se às 4h30 da manhã e passa o dia mergulhando e nadando, levantando redes pesadas de ostras e levando-as aos barcos. Outros, como as jovens (à direita) Hinanui Tehina, 14 anos, e Tapiu Tino, 15 anos, trabalham o dia inteiro prendendo ostras a fios de náilon para que outras pessoas as coloquem de volta na água. É assim que as pérolas crescem, e isso ajuda a manter viva a economia de Takaroa. “Somos necessários aqui”, explica Tapiu. Ela estudou no internato durante algum tempo, mas achou que havia muitas influências negativas lá, assim voltou para perto da família, onde está cercada pelas pessoas amadas.

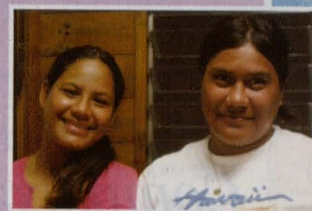
Depois de um longo dia de trabalho, o que os jovens de Takaroa fazem para relaxar? “Nada de mais”, ri Tetuarere. “Assistimos à televisão, embora não haja muito o que ver, ou nadamos. Acima de

tudo, pescamos. Pescamos para comer, mas também para divertir-nos.”

Os domingos e quartas-feiras, em particular, são aguardados com ansiedade. “Aos domingos, é claro, vamos à Igreja e nas noites de quarta-feira temos o seminário”, explica Hinanui. “Aprendemos muito sobre o evangelho.”

Tetuarere fala de um dos muitos princípios que estudou: a importância do templo. “Não se pode ir lá levando consigo as coisas do mundo. É a casa do Senhor, e nada impuro pode entrar lá.”

De fato, uma das metas que entusiasma os alunos do seminário daqui é economizar o dinheiro que ganham e ir com os demais membros do ramo para o templo no Taiti. “Vamos realizar batismos pelos mortos”, diz Hinanui. “É uma boa meta. Tudo o que aprendemos no seminário leva-nos na direção da casa do Senhor.” ■





O Coração Cheio de Compaixão

Juan Aldo Leone

O irmão Thamas, um homem idoso e magro, em geral sentava-se sozinho, um pouco longe dos demais membros que se reuniam para cumprimentar-se no início de nossas reuniões de domingo. Ele era de baixa estatura e aparência humilde. Fora batizado recentemente e não tinha família. Seu espanhol, embora compreensível, era uma mistura de português, francês, alemão, inglês e seu idioma materno,

o húngaro. Nas curtas conversas com os membros que tentavam fazer amizade com ele, ele falava de seu distante país natal, a Hungria.

Certo dia, o bispo pediu-lhe que fizesse um discurso de alguns minutos na reunião sacramental. Ele ficou surpreso, mas aceitou. Nós também ficamos surpresos ao ouvir seu nome ser anunciado. Esperávamos um testemunho breve e simples.

Contudo, quando ele chegou ao

púlpito, sua aparência transformou-se de modo notável, e ele imediatamente cativou nossa atenção. Sua postura tornou-se ereta, quase militar, embora ele não usasse uniforme nem medalhas. Sua atitude era como a de um soldado — idoso, mas com dignidade. Devagar, porém cheio de confiança, começou a contar sua história apaixonante.

Durante a II Guerra Mundial, ele servira num batalhão de infantaria numa área em que combates constantes tinham coberto a Terra de sangue, dor e morte. Seu pelotão era comandado por um sargento que ganhara o ódio de seus homens

Ninguém quis ajudar o sargento moribundo. Então, depois de alguns instantes de silêncio, o irmão Thamas prontificou-se.

devido a sua enorme rigidez. Numa noite terrível, um projétil explodiu não muito longe do sargento e feriu-o gravemente. O oficial comandante estacionou um velho caminhão que sempre passava para transportar mortos e feridos e levá-los para longe da frente de batalha para serem tratados ou enterrados.

O pelotão acompanhou à distância o destino de seu líder moribundo. Ninguém foi ajudá-lo. O oficial pediu um voluntário para levar o homem ao caminhão e acompanhá-lo para a área de segurança. Ninguém se prontificou.

Então, depois de alguns instantes, o irmão Thamas apresentou-se. “Com o coração cheio de compaixão”, contou-nos, “decidi carregar nosso companheiro desafortunado e acompanhá-lo em sua viagem.

Cuidei dele da melhor maneira possível durante o longo e doloroso percurso.

Posteriormente, voltei para procurar meu pelotão. Quando cheguei à frente de batalha, verifiquei que um forte bombardeio matara um grande número de homens na terrível noite de minha partida. Além de mim, nenhum homem de meu pelotão sobrevivera. Então, compreendi. Agradei a Deus por ter-me concedido a compaixão. Ele salvou-me a vida e deu-me a oportunidade de ouvir o evangelho restaurado.”

Nossa simples simpatia por aquele homem curvado transformou-se em estima, admiração e gratidão por termos dado um exemplo do puro amor de Cristo. ■

Juan Aldo Leone é membro da Ala Villa Allende, Estaca Córdoba Argentina Sierras.

Cervos na Estrada

Arlene Housman

Há muitos anos, eu estava voltando para casa de carro depois de deixar meu marido na faculdade. O trajeto incluiria a passagem por um cânion nas montanhas de Utah.

Nosso bebê recém-nascido, April, estava comigo. Isso foi bem antes da época dos assentos para bebês, assim a April estava envolta por um cobertor sobre um travesseiro no banco da frente, com a cabeça em minha perna.



Sem Condições de Pagar o Dízimo?

Ana Cristina Merino Rivas

Pouco depois de ser batizada, casei-me com um homem que não era membro da Igreja. Ele controlava todo o dinheiro que eu ganhava e nunca me deixava pagar o dízimo.

Sofri durante dez longos e infelizes anos, um período em que não pude progredir. Por fim, divorciei-me e comecei a trabalhar para sustentar a mim mesma e minha filha. Contudo, o que eu recebia não era o bastante para pagar nosso aluguel, contas, comida, roupas e outras necessidades. Se eu tinha o suficiente para

uma coisa, não sobrava mais nada para outra.

Certo dia, comecei a pagar o dízimo a despeito das circunstâncias difíceis. Como sempre, continuei a planejar meu orçamento. E percebi que eu tinha dinheiro bastante para tudo, ainda que o salário continuasse o mesmo.

Inicialmente, não consegui acreditar no que estava acontecendo.

Então, li a passagem da Bíblia em que o

Senhor diz: “Fazei prova

de mim nisto (...) se eu não

vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes”. (Malaquias 3:10) Ajoelhei-me e, em lágrimas, agradei ao Senhor. Ele nunca me abandonou. ■

Ana Cristina Merino Rivas é membro da Ala North Park II, Estaca Provo Utah North Park.



Para ficar acordada naquela viagem tarde da noite, eu estava cantando o último hino que tínhamos entoado na Igreja, “É Tarde, a Noite Logo Vem” (*Hinos*, 96). Enquanto eu cantava, começou a chover. Ao chegarmos ao cânion, a chuva transformara-se em neve e colava-se no asfalto.

Ao fazer uma curva numa estrada estreita de mão dupla, deparei-me com um bando de cervos que vinha diretamente em minha direção. Pisei no freio, e o carro derrapou. A minha direita,

estava a montanha e, à esquerda, um rio. Não havia para onde ir, apenas em frente. Segurando o volante com uma mão e o bebê com a outra, preparei-me para o impacto. Contudo, para minha surpresa, os animais simplesmente se afastaram, permitindo que passássemos.

Depois de passar pelo rebanho sem problemas, olhei o retrovisor. O rebanho não tinha ficado imóvel diante dos faróis nem se dispersado — como costuma acontecer com os cervos quando se assustam. Simplesmente se afastaram o bastante para a passagem de um pequeno fusca. Para mim, era como se tivesse sido a divisão do Mar Vermelho. A



caminho de casa, a 16 quilômetros, regoziquei-me ao agradecer a Deus por ter “[habitado] no meu lar”.

Quando cheguei a casa e saí do carro, dei-me conta da tragédia da qual eu fora poupada. Lágrimas começaram a cair. Mesmo que eu houvesse atingido um único animal, isso teria provocado sérios danos ao pequeno veículo e ferimentos em mim e no bebê. O incidente acontecera a oito quilômetros da fazenda mais próxima, e não cruzamos nenhum automóvel na estrada no cânion ou no restante do trajeto para casa. Chorei de alegria, segurando minha filhinha nos braços e agradecendo a Deus por ter-nos protegido do acidente. ■

Arlene Housman é membro da Ala White River, Estaca Auburn Washington.

“Proibido para Mórmons”

Nome Omitido

Acabáramos de mudar-nos para uma cidadezinha do interior onde não havia muitos membros da Igreja. Nosso pequeno ramo era unido e cheio de calor humano, e

Ao terminar uma curva, deparei-me com um bando de cervos em meu caminho. Pisei no freio, e o carro derrapou.

apreciávamos cada Dia do Senhor e a oportunidade de ir à Igreja. Nossa única preocupação eram nossos filhos, que tinham poucos amigos de sua idade no ramo para brincar. Meu marido e eu decidimos procurar meios de fazer amizades fora da Igreja para que as crianças fizessem novos amigos e conhecessem

pessoas de religiões diferentes.

Todavia, minhas esperanças logo se desfizeram quando um grupo local para crianças me disse que, por sermos “mórmons”, não éramos bem-vindos entre eles. Eu pertencera a grupos semelhantes em outras regiões do país onde não havia muitos santos dos últimos dias, e a religião nunca fora um empecilho antes. Garanti aos líderes do grupo que eu não tentaria fazer proselitismo nem forçar ninguém a seguir minha religião; eu e minha família desejávamos apenas fazer amigos e conhecer novas pessoas. Contudo, eles permaneceram firmes em sua decisão e não permitiram que aderíssemos.

Decidi seguir o exemplo de Cristo e ser bondosa e amável com os habitantes da cidade para que vissem que os membros de A Igreja de Jesus

Cristo dos Santos dos Últimos Dias eram pessoas boas. Começamos a convidar crianças para brincar em nossa casa, a chamar as famílias vizinhas para jantar e a conversar com as pessoas a fim de conhecê-las. Li discursos de conferência geral, artigos das revistas da Igreja e as escrituras para aprender sobre integridade, bondade e serviço ao próximo. Em seguida, empenhei-me para pôr esses princípios em prática no cotidiano. Eu sabia que se eu conseguisse mostrar ao povo da cidade como as famílias da Igreja podem ser bondosas e amáveis, aquele grupo acabaria por aceitar-nos.

No entanto, o tempo passou e, embora tivéssemos feito amizade com os líderes do grupo social, eles permaneceram firmes em sua posição de “proibido para mórmons”.

Então, decidi continuar a ser amável e gentil com as pessoas a nossa volta, mas também decidi buscar um grupo semelhante numa cidade vizinha. Mas lá também foi-me dito que os santos dos últimos dias não tinham permissão para participar. A essa altura, eu estava tão frustrada que tinha vontade de chorar. Qual era o problema com as pessoas dessas duas cidades? Será que não conseguiam ver que éramos uma família gentil e divertida?

Orei para que o Espírito me guiasse e me ajudasse a ser o mais amistosa e bondosa possível. Orei para que as pessoas que tivessem contato comigo sentissem no coração que éramos pessoas boas. Orei para que passassem por uma mudança de coração que as levasse a aceitar-nos. Ainda assim, senti que minhas orações não estavam

sendo respondidas. Por mais que me esforçasse, não consegui enternecer-lhes o coração.

Então, certa noite recebi um telefonema que destruiu por completo minhas esperanças. Os líderes do grupo telefonaram e disseram-me de novo que minha família não era bem-vinda entre eles. Eles estavam preocupados que estivessemos esperando ser admitidos no futuro por termos feito tantos amigos na comunidade. Disseram algumas coisas muito duras, e chorei, com mágoa no coração. Todos os jantares que organizáramos, os projetos de serviço, as bolachas que oferecêramos e as conversas informais na

calçada não significavam nada para aquelas pessoas. Onde eu errara?

Naquela noite, orei e fiz uma súplica fervorosa e sincera para receber ajuda para lidar com aquelas pessoas que tinham sentimentos tão fortes contra a Igreja. Eu sentia que merecia o reconhecimento delas devido a meus esforços e expliquei isso ao Pai Celestial.

A resposta foi mais intensa do que qualquer impressão que eu recebera durante muito tempo: “Siga a Cristo”.

No início, fiquei confusa. “Sim”, pensei, “mas já estou fazendo isso.” Os doces que distribuo, a amizade, a

solidariedade — eu estava agindo da forma mais cristã que podia. Ainda assim, a única impressão que recebi foi “Siga a Cristo”.

Então, percebi que quando minhas energias estão voltadas para seguir a Cristo, não sou tão afetada pelas opiniões alheias. Sirvo as pessoas porque é a coisa certa e não porque isso melhorará minha imagem como santo dos últimos dias. Sou gentil e prestativa porque me sinto assim, não por ter motivos egoístas para sê-lo.

“Siga a Cristo” tornou-se meu lema sempre que fico incomodada com as pessoas que não gostam de nós por causa de nossa religião. Agora sinto alegria ao servir as pessoas a despeito de sua reação a minha bondade e considero-me abençoada por isso. Não vim à Terra para ganhar a aprovação alheia, mas para preparar-me para voltar à presença de meu Pai Celestial, e a única maneira de fazê-lo é seguir o Salvador. ■

Os líderes de um grupo local de crianças disseram-nos que, por termos “mórmons”, não poderíamos participar.





Grata pelos Conselhos do Profeta

Gostaria de externar minha gratidão pela revista *Liabona*. Fico cheia de alegria ao ler o testemunho de outros santos dos últimos dias de todo o mundo. Gostei muito da admoestação do Presidente Gordon B. Hinckley na Mensagem da Primeira Presidência de setembro de 2004 para erguermos nossa voz contra o mal. Os artigos sobre o fortalecimento da família inspiram-me a cada dia. Sou grata pelo profeta e pela revista, que une os santos em todo o mundo.

Carolina Tello Vargas,
Ala Ventilador,
Estaca Neiva Colômbia

O Espírito do Templo

Sempre adorei o sentimento que o templo traz a minha vida. Quando fui chamado para servir como missionário numa área em que eu não poderia frequentar o templo, tive receio de não contar com esse sentimento durante dois anos. Então, descobri que o Pai Celestial nos enviou um presente que pode proporcionar um sentimento semelhante, a despeito de onde estivermos. Sou muito grato pela revista *Liabona*. Quando leio as mensagens que ela traz, sinto o mesmo espírito que sentia no templo.

Élder Allan Herbert Silva,
Missão Brasil Goiânia

Como uma Barra de Ferro

Desejo externar minha sincera gratidão a meu Pai Celestial pela revista *Liabona*. Nos cinco anos desde que me tornei membro da Igreja, ela é para mim como uma barra de ferro, conservando-me no caminho estreito e apertado. Ela fortalece meu testemunho de que o Senhor guia Sua Igreja e seus membros por meio dos profetas.

Javier Enrique Bobórquez Zambrano,
Ala Calderón,
Estaca Guayaquil Equador Sul

A *Liabona* Traz-me Felicidade

Gosto muito de ler a *Liabona*. A seção das crianças traz-me felicidade e contém artigos interessantes que me ajudam. Escolho com cuidado amigos que me ajudam a fazer o que é certo e tento dizer apenas palavras gentis e ter uma atitude positiva.

Lebonti Melquisedec Ramos Ochoa, 9 anos,
Ala Auditorio,
Estaca Guadalajara México
Independencia

Fonte de Força

Nem tenho palavras para exprimir como sou grata pela revista *Liabona*. É minha fonte de força neste mundo cheio de desafios. Quando leio as mensagens dos profetas, sinto o amor de Deus por mim. O que mais eu poderia pedir?

Mary Ann D. Ranches,
Ramo Alaminos I,
Distrito Alaminos Filipinas

Deixe seu Talento BRILHAR!



Se você for um artista ou fotógrafo profissional interessado em ser contactado para designações como freelancer para as revistas da Igreja, convidamo-lo a escrever para nós. As designações para freelancers exigem a capacidade de criar trabalhos artísticos editoriais e documentais dentro de prazos específicos.

Queira enviar até 10 amostras em formato digital de seu trabalho (arquivos PDF ou JPEG de no máximo 1,5 megabytes por e-mail), informações para contato e um breve histórico profissional para cur-artist-photographer@ldschurch.org. Se preferir, envie seus dados e amostras de seu trabalho para Artists and Photographers, *Liabona*, 50 East North Temple Street, Floor 24, Salt Lake City, UT 84150-3220, USA.



NÃO PODE SER COPIADO

De Volta a Hill Road, Stirling, Escócia, de Diane Dean

Ao servir como missionário na Escócia, em 1898, David O. McKay observou a placa de pedra no canto direito superior desse edifício. E sentiu-se inspirado pelas palavras ali esculpidas ("A despeito do que venhas a ser, cumpre bem o teu dever"), e disse: "Aquela mensagem, naquela manhã, foi para que eu cumprisse bem com o meu dever como missionário".



“As pequeninas coisas se tornam grandes quando reunidas na tapeçaria da família por milhares de laços de amor, fé, disciplina, sacrifício, paciência e trabalho.” Ver “Mil Laços de Amor”, do Presidente James E. Faust, p. 2.